



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

DOUGLAS RONIVON DA SILVA

**A MANIPULAÇÃO DISCURSIVA NO NÚCLEO DO TRÁFICO DE PESSOAS DA
TELENOVELA SALVE JORGE, DE GLÓRIA PEREZ: UMA PROPOSTA DE DEBATE
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA**

CAJAZEIRAS- PB

2022

DOUGLAS RONIVON DA SILVA

**A MANIPULAÇÃO DISCURSIVA NO NÚCLEO DO TRÁFICO DE PESSOAS DA
TELENOVELA SALVE JORGE, DE GLÓRIA PEREZ: UMA PROPOSTA DE DEBATE
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Unidade Acadêmica de
Letras do Centro de Formação de
Professores da Universidade Federal de
Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras-
PB – como requisito de avaliação para
obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Nazareth de
Lima Arrais

CAJAZEIRAS- PB

2022

S586m Silva, Douglas Ronivon da.

A manipulação discursiva no núcleo do tráfico de pessoas da telenovela Salve Jorge, de Glória Perez: uma proposta de debate para a educação / Douglas Ronivon da Silva. - Cajazeiras, 2022.

63f.: il.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais.

Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2022.

1. Semiótica discursiva. 2. Salve Jorge. 3. Telenovela. 4. Tráfico de pessoas. 5. Manipulação. 6. Discurso. I. Lima Arrais, Maria Nazareth de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 81'22

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

DOUGLAS RONIVON DA SILVA

**A MANIPULAÇÃO DISCURSIVA NO NÚCLEO DO TRÁFICO DE PESSOAS DA
TELENOVELA SALVE JORGE, DE GLÓRIA PEREZ: UMA PROPOSTA DE
DEBATE PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Unidade Acadêmica de
Letras do Centro de Formação de
Professores da Universidade Federal de
Campina Grande – Campus de
Cajazeiras-PB – como requisito de
avaliação para obtenção do título de
licenciado em Letras.**

Aprovado em: 28/03/2022

Banca Examinadora:



**Prof.^a Dr.^a Maria Nazareth de Lima Arrais
(UAL/UFCG - Orientadora)**



**Prof.^a Dr.^a Waldelange Silva dos Santos
(SE/PE – Examinadora 1)**



**Prof. Me. Rafael Francisco Braz
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 2)**

*A quem sempre assistia às telenovelas
comigo: minha bisavó, Creuza Maria da
Conceição (in memoriam). Dedico.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todas as bênçãos derramadas sobre minha vida e por ter feito florescer a sementinha do sonho do curso de Letras plantada em meu coração;

À minha família, por ter almejado comigo este momento tão especial;

Aos meus amigos de curso, por terem trilhado este caminho tão árduo ao meu lado e por terem eternizado cada momento vivido na universidade. A vocês, o meu amor e a minha gratidão;

Aos meus amigos da vida, que emanaram boas energias e me incentivaram quando me senti solitário durante a construção deste trabalho;

Aos docentes da Unidade Acadêmica de Letras (UAL) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em especial às doutoras Lígia Regina Calado de Medeiros, Fátima Maria Elias Ramos e Maria Nazareth de Lima Arrais, por terem contribuído significativamente em minha jornada acadêmica;

À minha orientadora, professora Dr.^a Maria Nazareth de Lima Arrais, pela qual sinto uma admiração inenarrável, por ter embarcado comigo nesta pesquisa, orientando-me da forma mais sincera e amigável possível, sempre voltada à positividade e à luz, como um girassol;

À professora Erlane, pela amizade solidificada durante os momentos vividos na Universidade e pela atenção dedicada às correções deste Trabalho;

À Secretaria Municipal de Educação de Vieirópolis-PB, em especial aos profissionais da Escola Agripino Fernandes das Chagas, pela enorme confiança em mim depositada. Minha eterna gratidão;

Ao corpo docente da Escola Municipal de Ensino Fundamental Agripino Fernandes das Chagas por terem construído, ao longo de nove anos, meu arcabouço educacional. Gratidão a todos/as.

Ao corpo docente da Escola Cidadã Integral Maria Moreira Pinto pela contribuição necessária ao meu desempenho educacional. Obrigado.

*“Palavras são, na minha nada humilde
opinião, nossa inesgotável fonte de magia;
capazes de causar grandes sofrimentos e
também de remediá-los”.*

*(Filme: Harry Potter e as relíquias da morte
- Parte II)*

RESUMO

Todos os discursos proferidos pelos sujeitos sociais apresentam uma intencionalidade e esta é uma das principais características da comunicação. Nessa direção, esta pesquisa tem como objetivo analisar as estratégias de manipulação percebidas no núcleo do tráfico de pessoas da telenovela *Salve Jorge*, de Glória Perez, como proposta de debate temático em uma turma de 3º ano do Ensino Médio. Para atingirmos nossa meta, primeiramente investigamos conceitos importantes para a semiótica discursiva, embasados nas ideias de autores como Greimas e Courtés (1979), Fiorin (2000), Lima (2007), Lima Arrais (2011); depois, assistimos, pela plataforma de *streaming Globoplay*, e analisamos o recorte de cinco capítulos da obra de Glória Perez, intitulada *Salve Jorge*, elencando e classificando as estratégias de manipulação presentes no discurso do núcleo do tráfico de pessoas, em cuja análise agregamos a realização de debate aplicável em uma turma de 3º ano do Ensino Médio. Trata-se de uma pesquisa centrada na análise do discurso no campo semiótico. Como universo desta pesquisa, destaca-se a telenovela *Salve Jorge*, da qual selecionamos como *corpus* os capítulos 1, 2, 29, 129 e 169. Apontamos, como resultados desta investigação, as estratégias de manipulação classificadas como sedução, tentação, intimidação e provocação, que constituem os discursos proferidos e identificados nas cenas dos capítulos analisados, de cujos sujeitos pretendiam manipular as vítimas para que estas acolhessem a ideia de que o possível emprego no exterior resolveria os problemas financeiros, mas as intenções discursivas estavam imbricadas na ilegalidade, uma vez que os sujeitos manipulados foram traficados.

Palavras-chave: Semiótica do Discurso; Telenovela *Salve Jorge*; Tráfico de pessoas; Estratégia de manipulação.

ABSTRACT

All discourses given by social subjects present an intentionality and this is one of the main characteristics of communication. In this direction, this research aims to analyze the manipulation strategies perceived in the core of the human trafficking of the telenovela *Salve Jorge*, by Glória Perez, as a proposal for thematic debate in a 3rd year high school class. To achieve our goal, we first investigated important concepts for discursive semiotics, based on the ideas of authors such as Greimas and Courtés (1979), Fiorin (2000), Lima (2007), Lima Arrais (2011); then, we watched, by the streaming platform Globoplay, and we analyzed the cutout of five chapters of Gloria Perez work, entitled *Salve Jorge*, displaying and classifying the manipulation strategies present in the discourse of the core of human trafficking, in whose analysis we aggregate the realization of applicable debate in a class of 3rd year of high school. This is research centered on the analysis of discourse in the semiotic field. As a universe of this research, the telenovela *Salve Jorge* stands out, from which we select chapters 1, 2, 29, 129 and 169 as the basis. As results of this investigation, we point out the manipulation strategies classified as seduction, temptation, intimidation and provocation, which constitute the discourses delivered and identified in the scenes of the chapters analyzed, of whose subjects intended to manipulate the victims so that they would accept the idea that possible employment abroad would solve the financial problems, but the discursive intentions were intertwined in illegality, since the manipulated subjects were trafficked.

Keywords: Semiotic studies (discursive semiotics); Telenovela *Salve Jorge*; Human Trafficking; Manipulation strategies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- O signo sausseriano.....	22
Figura 2	- Quadrado semiótico.....	26
Figura 3	- Octógono semiótico.....	27
Figura 4	- Simbologias do programa narrativo.....	29
Figura 5	- Articulações temporais.....	35
Figura 6	- Esquema de organização do debate.....	49
Figura 7	- Russo intimida Jessica.....	54
Figura 8	- Lívia Marine manipula mulheres.....	57

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	-	Função semiótica do signo hjelmsleviano.....	23
Quadro 2	-	Patamares do discurso.....	25
Quadro 3	-	Capítulos corpus da pesquisa.....	38
Quadro 4	-	Núcleo do tráfico de pessoas.....	42
Quadro 5	-	Discurso de Wanda.....	49
Quadro 6	-	Discurso de Russo.....	53
Quadro 7	-	Discurso de Russo.....	55
Quadro 8	-	Discurso de Lívia Marine.....	56
Quadro 9	-	Discurso de Rosângela.....	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A	- Actante
Adj	- Adjuvante
A	- Ator
BNCC	- Base Nacional Comum Curricular
CFP	- Centro de Formação de Professores
Dario	- Enunciatário
Dor	- Destinador
-Dor	- Antidestinador
ONU	- Organização das Nações Unidas
Op	- Oponente
Ov	- Objeto de valor
PALERMO	- Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas
PB	- Paraíba
PN	- Programa narrativo
PNETP	- Plano Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas
S	- Sujeito
-S	- Antissujeito
SJ	- Salve Jorge
TCC	- Trabalho de Conclusão de Curso
TN	- Telenovela
UAL	- Unidade Acadêmica de Letras
UFCG	- Universidade Federal de Campina Grande
UNODC	- <i>United Nations Office on Drugs Crime</i>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.2 METODOLOGIA.....	17
2 A SEMIÓTICA DO DISCURSO	19
2.1 TEXTO E DISCURSO	19
2.2 SENTIDO E SIGNIFICAÇÃO	22
2.3 PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO	25
2.3.1 Nível fundamental	26
2.3.2 Nível narrativo	28
2.3.3 Nível discursivo	32
3 TEORIZANDO O CORPUS: A TELENOVELA SALVE JORGE, DE GLÓRIA PEREZ	37
3.1 A HISTÓRIA DE SALVE JORGE, <i>DE GLÓRIA PEREZ</i>	37
3.2 O <i>TRÁFICO DE PESSOAS NA OBRA</i>	39
4 LEITURA SEMIÓTICA DAS ESTRATÉGIAS DE MANIPULAÇÃO EM SALVE JORGE, DE GLÓRIA PEREZ: UMA PROPOSTA DE DEBATE	48
4.1 O DEBATE	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	62

1 INTRODUÇÃO

Em todas as situações de comunicação do cotidiano social são pautados diversos elementos persuasivos por parte dos interlocutores. E aqui destacamos a palavra como uma das principais formas de interação. Bakthin e Volochinov (1992, p. 113) dizem que “[...] ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte¹”. Por meio da palavra, é possível persuadir o locutário e conquistar os objetivos comunicativos, elencados de acordo com os propósitos de cada situação.

E é nesse contexto do uso da palavra nos eventos de comunicação que se torna relevante discutir o conceito de manipulação, uma vez que inúmeras estratégias de persuasão podem ser percebidas em muitos âmbitos da sociedade. Breton (1997, p. 21) aponta que “a manipulação consiste em entrar por efração no espírito de alguém para aí depor uma opinião ou provocar um comportamento sem que ninguém saiba que houve efração”. O autor ainda indaga se o público tem consciência das múltiplas tentativas de manipulação socializadas no cotidiano.

Na manipulação, que, na corrente semiótica, pode ocorrer através da tentação, da sedução, intimidação ou provocação, há a ação de um sujeito sobre outro “para levá-lo a querer e/ou dever fazer alguma coisa” (FIORIN, 2000. p. 22). Vale salientar que o autor, embasado nos estudos da semiótica discursiva, destaca que não se pode confundir o sujeito com pessoa, pois, em um nível mais superficial, pode caracterizar-se como pessoa, animal ou qualquer fator que nos induza a sermos manipulados.

Neste fio, partimos do pressuposto de que as telenovelas estão incluídas no conceito aristotélico de arte, referindo-se, portanto, à *mimese*, imitação da realidade. Segundo o filósofo grego, as manifestações de arte não são reais, mas representam ações próprias da realidade. Em sua obra *Poética*, o autor elenca alguns conceitos que permeiam o campo criativo de autores, dentre eles a tragédia e o sofrimento. Aristóteles (2008) explicita que a tragédia se serve da ação e não da narração e que o sofrimento é um ato destruidor e doloroso, como as mortes em cena.

Nesse viés, podemos conceber que as telenovelas, embora distantes das produções gregas, são apresentadas aos telespectadores com todo um conjunto técnico de produção, incluindo aspectos discursivos na construção dos atores, evidenciando uma projeção multissemiótica.

¹ Aqui vamos além do ouvinte, considerando as diversas formas de estabelecer comunicação, como a LIBRAS, por exemplo.

Assim, as telenovelas (TN) refletem nossa sociedade em aspectos que vão desde fatores econômicos e/ou políticos à simplicidade do dia a dia sem consciência ideológica, embora nelas estejam imbricadas diversas manifestações sociais. Um exemplo válido é o roteiro da TN *Salve Jorge – SJ – (2012-2013)*, escrita por Glória Perez e com direção geral de Marcos Schechtman e Fred Mayrink, que apresentou como tema central o tráfico internacional de pessoas, um grave problema que assola o mundo todo.

A linguagem sincrética com que essas obras são construídas levam os telespectadores a acompanharem as histórias das personagens durante o tempo em que são exibidas em rede nacional. Sendo um dos objetivos principais das produções, inúmeras críticas e denúncias sociais são relevantes no desenvolvimento das tramas.

Sabendo-se que as TN ocupam grande parte da grade de programação das emissoras, sendo assistidas por milhares de pessoas cotidianamente, esta pesquisa almeja investigar: quais estratégias de manipulação são percebidas no núcleo do tráfico de pessoas da TN *SJ*, de Glória Perez. E, colocando no contexto da formação de professores da educação básica, também queremos propor um debate temático sobre a obra em uma turma de Ensino Médio.

Nesta perspectiva, partimos do pressuposto de que o roteiro da TN *SJ*, inclusive pela temática central da obra, é repleto de discursos que buscam convencer os atores a realizarem uma ação muito difícil. Tais manipulações vão desde a sedução e provocação das aliciadoras do tráfico de pessoas, até a intimidação da figura masculina da boate na qual ficam alojadas.

Destacamos que, em todos os discursos proferidos pelos seres sociais, há um objetivo a ser alcançado e esta é uma das principais características da comunicação. Assim sendo, todas as nossas falas são carregadas de estratégias de manipulação. Portanto, é necessário compreender que estamos expostos a essas estratégias que circulam no espaço social.

Na intenção de atender a estas inquietações, traçamos como objetivo geral: analisar as estratégias de manipulação percebidas no núcleo do tráfico de pessoas da TN SJ, de Glória Perez, como proposta de debate temático em uma turma de 3º ano do Ensino Médio. E para atingir a meta proposta, os objetivos específicos são: discutir os conceitos semióticos com ênfase na sintaxe do nível discursivo; debater acerca de informações sobre o tráfico de pessoas na história do país; e descrever as manipulações no discurso dos atores da TN SJ, de Glória Perez, como sugestão de debate temático para o 3º ano do Ensino Médio.

Este trabalho é embasado teoricamente na vertente semiótica, fincando-se principalmente nas ideias de Greimas e Courtés (1979), Fiorin (2000), Lima (2007) e Lima Arrais (2011). Para tecer as discussões acerca da ciência da significação, apresentamos, também, conceitos importantes, tendo como base o Estruturalismo de Saussure (2006) e as concepções de Hjelmslev (1975) acerca do signo linguístico.

No tocante aos apontamentos metodológicos, produzimos uma investigação que consiste em uma pesquisa centrada na análise do discurso, de natureza aplicada e abordagem qualitativa. Intentamos, por meio de uma teoria, que também nos possibilita uma metodologia: sugerir um trabalho de leitura e debate em sala de aula da educação básica.

Esta pesquisa justifica-se, primeiramente, pela proposta de um debate temático voltado para o aprimoramento da leitura no âmbito escolar, com consequente atuação crítica na sociedade. A aplicabilidade é proposta para uma turma de 3º ano do Ensino Médio, uma vez que essa etapa estudantil representa um tempo de definições, escolhas e aberturas a ganhar espaços além do núcleo da família com o intuito de liberdade.

Evidencia-se, também, a relevância desta investigação pelo *corpus*, que é o roteiro e parte das cenas da TN SJ, escrita por Glória Perez, produzida e exibida pela Rede Globo de Televisão entre 2012 e 2013, considerando a importante temática abordada pela obra: o tráfico internacional de pessoas com fins na exploração sexual.

Outro ponto que agrega valor à pesquisa é por se tratar de uma leitura sincrética do texto novelístico, desde o discurso verbal às cenas exibidas na televisão. Diversas informações circulam através das mídias digitais, sendo assim, as produções televisivas são importantes fontes informativas e de caráter denunciativo, não se configurando somente como forma de entretenimento.

Como as telenovelas são criadas com a divisão de tramas centrais e paralelas, o que permite que os telespectadores suscitem debates sobre esses casos, o público que assiste às produções novelísticas precisa compreender o desenvolvimento de cada cena retratada, bem como a representação e a fala das personagens. Portanto, cada telespectador não assiste somente às cenas, mas presenciam, também, as atribuições da linguagem sincrética.

Neste fio, a presente pesquisa apresenta-se dividida em quatro capítulos. No capítulo introdutório, evidenciamos os aspectos gerais que constituem o corpo da produção, bem como apresentamos o itinerário metodológico utilizado na elaboração deste trabalho.

Seguindo o viés semiótico, destinamo-nos a apresentar, no segundo capítulo, conceitos importantes para o desenvolvimento da pesquisa. Para tanto, fundamentando-nos, principalmente, em Barros (2005) e em Fiorin (1995) para atribuímos os sentidos de texto e discurso; em Saussure (2006) e Hjelmslev (1975) para explorarmos o signo linguístico a fim de compreendermos o sentido e a significação; e em Greimas e Courtés (1979), Fiorin (2000) e Lima Arrais (2011) para apresentarmos o Percurso Gerativo de Sentido com seus três níveis: fundamental, narrativo e discursivo.

O terceiro capítulo ocupa-se da apresentação do *corpus* da pesquisa, evidenciando a história central da TN SJ, escrita por Glória Perez e produzida pela Rede Globo, exibida entre 2012 e 2013, totalizada em 179 capítulos. Nesta linha, colocamos em pauta as discussões acerca do tráfico de pessoas, bem como as medidas adotadas em nosso país para combater essa prática.

O quarto capítulo desta investigação objetiva explicitar a leitura semiótica da obra audiovisual SJ, em forma de proposição de leitura para uma turma de 3º ano do Ensino Médio, elencando e classificando as estratégias de manipulação percebidas no discurso dos atores do núcleo do tráfico de pessoas da TN estudada.

Como últimos procedimentos, apresentamos as considerações finais em que elencamos os resultados da pesquisa, firmando discussões acerca da investigação. Indicamos, também, as referências que possibilitaram o embasamento da nossa pesquisa.

1.2 METODOLOGIA

A explanação de ideias e informações sob a visão de autores e autoras acerca de um tema proposto é um dos principais objetivos da pesquisa científica, que se configura como “procedimento de fabricação do conhecimento, quanto como procedimento de aprendizagem (princípio científico e educativo), sendo parte integrante de todo processo reconstrutivo de conhecimento” (DEMO, 2015, p. 20). Tais conhecimentos permeiam os diversos âmbitos da sociedade, principalmente em virtude das inúmeras plataformas de informação que constituem o espaço tecnológico atual.

A finalidade de uma pesquisa é, pois, apresentar ideias consistentes de modo que evidenciem a relevância do tema trabalhado, sanando as dúvidas em torno do objeto de estudo e explicitando visões distintas, mas coerentes em relação à proposta. Assim, durante a produção da pesquisa científica, bem como concluindo as ideias postas

[...] chega-se a um conhecimento novo ou totalmente novo, isto é, [...] pode[-se] aprender algo que ignorava anteriormente, porém já conhecido por outro, ou chegar a dados desconhecidos por todos. Pela pesquisa, chega-se a uma maior precisão teórica sobre os fenômenos ou problemas da realidade. (BARROS; LEHFELD, 2000b, p. 68).

Do ponto de vista de sua natureza, este trabalho configura-se como uma pesquisa de natureza aplicada, uma vez que “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais.” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 51). Neste caso, propomos o debate temático destinado à educação básica como forma de evidenciar a capacidade crítica dos/as alunos/as.

No tocante aos procedimentos técnicos, esta investigação é fundamentada, principalmente, na pesquisa bibliográfica, que atua, segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 54), “quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses [...]”. Assim, serão explicitados pontos de vistas semelhantes, objetivando elencar informações e posições consistentes sobre a temática central deste trabalho.

Trata-se, também, de uma pesquisa focada na análise do discurso, considerando o campo semiótico, visto que o foco desta produção é o discurso dos atores no núcleo do tráfico de pessoas da TN SJ, escrita por Glória Perez, cuja obra representa o universo desta investigação.

Desse universo, destacamos como *corpus* a ser evidenciado os diálogos referentes ao tráfico de pessoas. Explicitaremos, assim, as estratégias de manipulação que consistem, na obra, na construção da relação entre aliciador e vítima, especificamente nos capítulos 1, 2, 29, 129 e 169.

A seleção do Capítulo 1 justifica-se por consideramos importante apresentar o primeiro grupo de pessoas traficadas pela quadrilha; a escolha do Capítulo 2 foi relevante por conter a sequência das cenas relacionadas às mulheres que foram enganadas e submetidas à exploração sexual; no Capítulo 29, destacamos a manipulação da personagem que leva os telespectadores a refletirem sobre o tema abordado na produção; justificamos o Capítulo de número 129 pela ação de manipulação da personagem Rosângela, que foi traficada mas aliou-se à máfia ao decorrer da trama; e o Capítulo 169 agrega valor por conter discursos manipuladores acerca da autonomia de Lívia Marine.

A categoria de análise é a manipulação discursiva e, para percebê-la, elaboramos os seguintes critérios de análise: a) presença da manipulação nos discursos selecionados como *corpus*; e b) caracterização da manipulação presente nos discursos.

Com base nas discussões teóricas, elaboramos um roteiro de debate temático para 3º ano do Ensino Médio, que consideramos um protótipo de um material técnico sugestivo aos profissionais da educação básica, bem como aos estudantes dos cursos de Letras.

A pesquisa foi desenvolvida em duas etapas: a primeira destinou-se à investigação de conceitos importantes para a vertente semiótica e para a aplicação analítica; na segunda, assistimos e analisamos o recorte de cinco capítulos da obra de Glória Perez, intitulada SJ, elencando e classificando as estratégias de manipulação presentes no discurso do núcleo do tráfico de pessoas.

2 A SEMIÓTICA DO DISCURSO

Este capítulo atende ao primeiro objetivo específico elaborado para esta investigação: discutir os conceitos semióticos com ênfase na sintaxe do nível discursivo. Para tanto, frisamos as ideias de Barros (2005) e de Fiorin (2000) para explicitar as concepções de texto e de discurso; perpassamos pelas definições de signo e significação, seguindo as contribuições de Saussure (2006) e de Hjelmslev (1975); e fincamos, em consoante com Greimas e Courtés (1975) e Lima Arrais (2011), o Percurso Gerativo do Sentido, cujos patamares também são evidenciados: os níveis fundamental, narrativo e discursivo.

2.1 TEXTO E DISCURSO

Mantemos contato com inúmeros textos durante toda a nossa vida, em todos os lugares possíveis. Desde criança, as cores, as imagens, os sons e a descoberta do mundo já começam a preencher a nossa bagagem intelectual. Nossa carreira estudantil, por exemplo, é impulsionada por ilustrações, pelas vogais, pelas sílabas e por toda a hierarquia que culmina no texto. No entanto, para algumas pessoas, a noção de texto acaba limitada apenas à ideia de um aglomerado de palavras que representa a opinião de alguém sobre algo.

Todas as nossas expressões, nossos desejos e nossas imposições orais ou escritas são materializadas graças ao texto, que nos permite realizar a comunicação de múltiplas formas, desde um “bom dia” até uma fotografia, por exemplo. Nessa direção, Barros (2005, p. 11) afirma que “um texto define-se de duas formas que se complementam: pela organização ou estruturação que faz dele um ‘todo de sentido’, como objeto da comunicação que se estabelece entre um destinador e um destinatário.”

Compreende-se, portanto, que a definição de texto contempla dois recursos, sendo que um deles dedica-se à estrutura interna, e o outro se destina aos fatores externos; aquela representa a significação, uma vez que caracteriza, como a autora frisa, “um todo de sentido”, por evidenciar o sentido com o qual se constrói a tessitura expressa; este representa a comunicação, ato que envolve destinador (DOR) e destinatário, ou seja, sujeitos (S) da situação.

Pela segunda definição apontada pela semiótica, o olhar destinado ao texto vai além do produto expresso, pois, tratando-se de ato comunicativo, o processo textual envolve aspectos que lhe permitem um entendimento minucioso acerca daquela construção, porque, concebido como objeto de comunicação, Barros (2005) sugere que:

[...] o texto encontra seu lugar entre os objetos culturais, inserido numa sociedade (de classes) e determinado por formações ideológicas específicas. Nesse caso, o texto precisa ser examinado em relação ao contexto sócio-histórico que o envolve e que, em última instância, lhe atribui sentido. (BARROS, 2005, p. 12).

A palavra texto, como Fiorin (1995) nos relembra, é uma contribuição do verbo *texo* da língua latina, e quer dizer tecer. A ideia de tessitura remete à distribuição dos fios de forma organizada. Assim, o texto possui uma estrutura “que garante que o sentido seja apreendido em sua globalidade, que o significado de cada uma de suas partes dependa do todo” (FIORIN, 1995, p. 166).

Nesta perspectiva, é válido frisar que o contexto é muito importante para a compreensão textual, uma vez que gera sentidos ligados às situações da realização do texto. Saraiva e Leite (2017, p. 20) dizem que “o contexto ou a situação são também textos, ou seja, funcionam como conjuntos significantes em que se articulam expressões e conteúdos.”

Ainda é bastante comum a ideia de o texto estar associado ao conjunto de frases e palavras expressas no papel. Porém, diante das diversas manifestações pelas quais se constroem o texto, o conteúdo textual vai além de produções escritas, abrangendo diferentes formas de realização, sendo sujeitado a processos que envolvem oralidade, escrita, gravura e tantas outras efetuações. Desta forma, acordados com as contribuições de Barros (2005) que aponta o texto como objeto de significação e de comunicação, ressalta-se que ele:

[...] pode ser tanto um texto lingüístico, indiferentemente oral ou escrito — uma poesia, um romance, um editorial de jornal, uma oração, um discurso político, um sermão, uma aula, uma conversa de crianças — quanto um texto visual ou gestual — uma aquarela, uma gravura, uma dança — ou, mais freqüentemente, um texto sincrético de mais de uma expressão — uma história em quadrinhos, um filme, uma canção popular. (BARROS, 2005, p. 12).

Nesse contexto do oral e escrito, as ideias de Ferdinand de Saussure, reconhecido pelos estudos atribuídos à linguística, já fincavam a distinção entre língua e fala. Saussure (2006, p. 22) ressalta que “com o separar a língua da fala, separa-se ao mesmo tempo: o que é social do que é individual; o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental”. Compreende-se, portanto, que, segundo Saussure, aquela é uma parte social, exterior ao indivíduo, ao passo que esta é individual, regida por combinações realizadas pelo falante.

Neste fio, ao nos depararmos com a manifestação da individualidade da fala, defendida por Saussure, torna-se relevante frisar que desde a antiguidade clássica o discurso proferido pelos falantes já era objeto de estudo e de análise entre filósofos, entre os quais se destaca o grupo de sábios eruditos chamados de sofistas, que dominavam técnicas discursivas, e são “[...] conhecidos como mestres da retórica e da oratória, que oferecem suas técnicas aos políticos” (EL-JAICK, 2016, p. 40), uma vez que a consolidação dos políticos gregos era bastante vinculada aos discursos apresentados ao povo.

Essa ideia de Saussure se diferencia da vertente semiótica, que acredita que tanto a oralidade quanto a escrita agregam o individual e o social. O que destacamos é que a fala como manifestação individual é um aspecto da oralidade e esta contém o individual e o social, considerando que o sujeito é um ser intrínseco à sociedade da qual faz parte. Essa voz que se insere no texto é o discurso.

Assim, fica evidente, desde cedo, a importância da realização do discurso. Ainda hoje é perceptível que os textos que suportam o discurso são fundamentais para a nossa inserção em uma sociedade cada vez mais globalizada, pois, através de posicionamentos, externamos nossas ideias e concretizamos nossas opiniões para os enunciatários das mensagens produzidas por nós.

Nesta direção, segundo Gregolin (1995, p. 17), “o DISCURSO é um suporte abstrato que sustenta os vários TEXTOS (concretos) que circulam em uma sociedade. Ele é responsável pela concretização, em termos de figuras e temas, das estruturas semio-narrativas”. Portanto, o discurso deve ser compreendido como um ato que envolve, em sua realização, um aspecto contextual que serve, também, para a construção de seu sentido. Assim, acordados com Fiorin (1990), é válido frisar que:

[...] o discurso deve ser visto como objeto lingüístico e como objeto histórico. Nem se pode descartar a pesquisa sobre os mecanismos

responsáveis pela produção do sentido e pela estruturação do discurso nem sobre os elementos pulsionais e sociais que o atravessam (FIORIN, 1990, p. 177).

Compreende-se que o discurso suporta a manifestação do sujeito do enunciado, por meio do qual é possível estabelecer relações textuais acordadas com a situação de contexto em que foi produzido. Ressalta-se que o discurso pode se manifestar no enunciado, ou seja, no dito, no qual subjaz sempre uma enunciação. Para Greimas e Courtés (1975, p. 148) o enunciado está ligado a “toda grandeza dotada de sentido, pertencente à cadeia falada ou ao texto escrito”.

Fincadas as ideias acerca de texto e do discurso, explicitaremos, no tópico seguinte, algumas concepções que regem a construção do sentido e da significação. Para tanto, partiremos, principalmente, das contribuições de Saussure (2006) e de Hjelmslev (1975), apontando as definições e norteando as diferenças entre os teóricos, que se dedicaram ao estudo do signo linguístico.

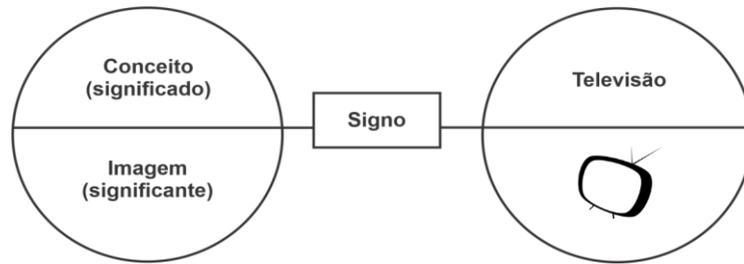
2.2 SENTIDO E SIGNIFICAÇÃO

Começemos esta discussão com o signo linguístico, que, segundo Saussure (2006, p. 81), é “a combinação do conceito e da imagem acústica”, sendo que aquele expressa o significado, e esta o significante, configurando a arbitrariedade do signo e o seu aspecto dicotômico, ou seja, esses dois termos atuam juntos para resultarem na significação. O estruturalista afirma que:

O signo lingüístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (empreinte) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chama-la "material", é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrata. (SAUSSURE, 2006, p. 80)

A união do conceito e da imagem acústica, significado e significante, respectivamente, desencadeada pela impressão da realização do ato sonoro, gera a compreensão entre os interlocutores justamente por estes “converterem” o som em uma imagem projetada na mente. Perceba a esquematização deste processo na Figura 1:

Figura 1 - O signo saussuriano



Fonte: Adaptado de Saussure (2006, p. 80-81).

De acordo com a Figura 1, podemos perceber que encontramos o conceito de televisão atrelada a seu significante, gerando, dessa forma, o signo linguístico proposto por Saussure (2006).

Nesta vertente, o linguista Louis Hjelmslev, considerado o mais notável continuador da obra de Saussure, parte das anotações do estruturalista suíço e postula um plano de expressão (significante) e um plano de conteúdo (significado), ou seja, ao passo que as ideias saussurianas apontam o signo linguístico como resultado da união entre significado e significante, o dinamarquês explicita que o conteúdo e a expressão apresentam uma forma e uma substância cada um.

Hjelmslev (1975) corrobora a solidariedade consistente na relação semiótica dos fúntivos, os quais representam o conteúdo e a expressão, frisando a dependência desses termos e a impossibilidade de existirem isoladamente. O linguista expressa essa ideia quando escreve que:

A função semiótica é, em si mesma, uma solidariedade: expressão e conteúdo são solidários e um pressupõe necessariamente o outro. Uma expressão só é expressão porque é a expressão de um conteúdo, e um conteúdo só é conteúdo porque é o conteúdo de uma expressão. Do mesmo modo, é impossível existir (a menos que sejam isolados artificialmente) um conteúdo sem expressão e uma expressão sem conteúdo. (HJELMSLEV, 1975, p. 54).

Vejamos, no quadro seguinte, proposto por Batista (2001), a estruturação do signo linguístico defendido por Hjelmslev:

Quadro 1 - Função semiótica do signo hjelmsleviano

Função Semiótica	$\varphi\sigma$	Conteúdo	Substância sêmica	Sentido	Significado
			Forma semêmica		
	Expressão		Forma femêmica	Sentido	Significante
			Substância fêmica		

Fonte: Batista (2001, p. 143).

O linguista aponta que a relação entre a substância e a forma do conteúdo dá origem ao sentido do significado; e a relação entre a substância e a forma da expressão dá origem ao sentido do significante. Nesta vertente, Lima Arrais (2011, p. 24) considera que: “A forma é semelhante a uma gramática que compreende uma morfologia e uma sintaxe. No conteúdo, a relação de dependência entre a substância (que é a semântica) e a forma (que é semêmica) dá origem ao significado”.

Ao passo que Saussure relacionou o pensamento, que é um aspecto comum em todas as línguas, ao significado, Hjelmslev configurou como conteúdo. Este ampliou a teoria saussuriana e propôs que os signos são constituídos de unidades menores.

Consequente, a obra *Semântica Estrutural*, publicada originalmente no ano de 1966 por Algirdas Julien Greimas, solidificou a compreensão total da semiótica como ciência da significação. Frisada nos parágrafos anteriores, a percepção é a base significativa das ideias greimasianas, cuja definição partiu das contribuições de Hjelmslev e de Saussure.

Assim, Greimas e Courtés (1979) configuram a significação como um percurso gerativo que se subdivide em três níveis, a saber: o fundamental, o narrativo e o discursivo, ambos compostos por uma sintaxe e uma semântica, como veremos a seguir.

2.3 PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO

O estudo acerca do sentido suscitou um ramo cujo objetivo era investigar as variações de sentido das palavras: a Semântica, termo utilizado por Michel Bréal em fins do século XIX (FIORIN, 2000). Valendo-se, primeiramente, da diacronia da significação, essa área foi sendo alterada por diversos estudiosos, entre os quais se destacam J. Trier, que impulsionou um grupo de semanticistas que defendiam a análise e o estabelecimento dos campos semânticos.

Com o surgimento da Semântica Estrutural, por volta dos anos 60, fundamentada no paralelismo do plano de expressão e do plano de conteúdo, foi evidenciada a análise sêmica do modelo fonológico. Porém, os implícitos do discurso se sobressaíram, e alguns linguistas dedicaram-se às unidades maiores do que a palavra. Greimas postula, segundo Fiorin (2000, p. 13), que uma Semântica deve ser:

- a) gerativa, ou seja, deve estabelecer modelos que apreendam os níveis de invariância crescente do sentido de tal forma que se perceba que elementos do nível de superfície podem significar a mesma coisa num nível mais profundo [...];
- b) sintagmática, isto é, deve explicar não as unidades lexicais que entram na feitura das frases, mas a produção e a interpretação do discurso;
- c) geral, ou seja, deve ter como postulado a unicidade do sentido, que pode ser manifestado por diferentes planos de expressão [...].

Compreende-se, portanto, que a Semiótica busca explicar o sentido ou os sentidos do texto, analisando, primeiramente, o seu plano de conteúdo, concebido sob a forma de um percurso gerativo de sentido. Este percurso é definido, segundo Fiorin (2000, p. 17), como “uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e interpreta o sentido, num processo que vai desde o mais simples ao mais complexo”.

Assim sendo, Greimas propõe um modelo de compreensão e interpretação dos significados dos discursos apresentados socialmente. Para ele, o sentido é construído desde unidades fundamentais até às concretizações discursivas. Por percurso, Greimar e Courtés (1979, p. 328) explicitam que é “uma progressão de um ponto a outro, graças a instâncias intermediárias”, uma vez que esse processo envolve aspectos que vão desde o abstrato ao mais complexo, exposto no Quadro 2:

Quadro 2 - Patamares do percurso

	Componente sintáxico		Componente semântico	
Estruturas narrativas	sêmio-	nível profundo	Sintaxe fundamental	Semântica fundamental
		nível de superfície	Sintaxe narrativa	Semântica narrativa
Estruturas discursivas		Sintaxe discursiva Discursivização (actorialização, temporalização, espacialização)		Semântica discursiva Tematização Figurativização

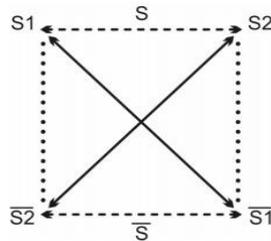
Fonte: Fiorin (2000, p. 17).

Desta forma, nota-se que os três níveis do percurso proposto pela teoria greimasiana são o profundo, o narrativo e, por fim, o discursivo, ambos constituídos por uma sintaxe e uma semântica. No primeiro nível, também denominado fundamental, a significação surge como uma oposição semântica; no segundo, a narrativa é organizada do ponto de vista do sujeito (S); na terceira etapa, o S da enunciação assume a narrativa e, aqui, é possível identificar, no ato da discursivização, a actorialização, a temporalização e a espacialização, bem como se realiza a tematização e a figurativização.

2.3.1 Nível fundamental

O sentido do texto na vertente do percurso gerativo inicia-se pelas oposições semânticas estabelecidas na construção textual. Fiorin (2000, p. 18) frisa que “uma categoria semântica fundamenta-se numa diferença, numa oposição”. Significa dizer que, para se estabelecer uma oposição entre dois termos, é preciso que eles estejam na mesma categoria semântica, uma vez que é a partir da unidade comum que se impõe uma diferença.

A sintaxe do nível fundamental foi inicialmente apresentada por Greimas, quando o semiótico apontou o quadrado semiótico, definido como “a representação visual da articulação lógica de uma semântica qualquer” (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 364). Pelo quadrado proposto, é possível perceber as relações entre termos contrários, contraditórios e implicativos, cujo esquema segue representado:

Figura 2 - Quadrado semiótico

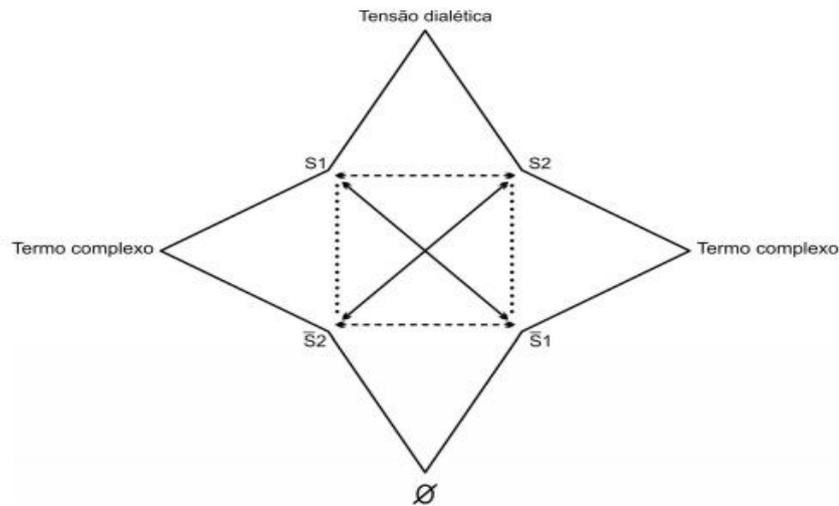
Fonte: Lima (2007, p. 26).

Pelo quadrado, compreende-se que S1 e S2 estabelecem entre si uma relação de oposição, mas no mesmo campo semântico. Os contraditórios são S1 e não S1 e S2 e não S2. Assim, podemos exemplificar o S1 e o S2 como *democracia* e *ditadura*, que mantêm uma relação de contrariedade por serem opostos, mas estão no mesmo campo semântico, uma vez que ambos se referem a discurso político. Se aplicarmos uma negação aos termos exemplificados, obteremos os seus contraditórios, que, nesse caso, seriam a *não democracia* e a *não ditadura*. Frisa-se, aqui, que os termos *democracia* e *não democracia* não podem ocorrer de forma simultânea, assim como *democracia* e *ditadura*. Portanto:

A sintaxe do nível fundamental abrange duas operações: a negação e a asserção. Na sucessividade de um texto, ocorrem essas duas operações, o que significa que, dada uma categoria tal que a versus b, podem aparecer as seguintes relações:

- a) afirmação de a, negação de a, afirmação de b;
- b) afirmação de b, negação de b, afirmação de a. (FIORIN, 2000, p. 20)

Por essa vertente, Fiorin, estudioso da teoria greimasiana, reflete a representação do octógono semiótico, exposto na Figura 3. Esta forma é defendida como a ampliação do quadrado, ambos propostos por Greimas (1973). Vejamos:

Figura 3 - Octógono semiótico

Fonte: Lima (2007, p. 27).

Pelo octógono, compreende-se que a tensão dialética resulta dos metatermos que geram os termos complexos. É importante mencionar que esses metatermos são os eixos que estabelecem a relação de implicação, ou seja, que estão relacionados ao mesmo campo semântico dos contrários.

Na semântica fundamental articulam-se as qualificações euforia e disforia. Aquela é concebida como um “termo positivo da categoria tímica” (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 170), ao passo que esta é caracterizada como um termo negativo, pois é construída “instituindo valores negativos” (p. 130) no discurso. A semântica desse nível comporta, também, a aforia, que se apresenta de forma neutra, nem eufórica nem disfórica.

A sintaxe e a semântica do nível fundamental objetivam evidenciar os termos mais abstratos do discurso, bem como explicitar a base do sentido construído na produção. As categorias sintáticas e semânticas dessa primeira estrutura são fundamentais para o desenvolvimento da interpretação discursiva.

2.3.2 Nível narrativo

O nível narrativo, também denominado de narrativização, emprega a camada intermediária entre os níveis fundamental e discursivo. Nesse patamar, frisa-se o fazer

do homem, pelo qual ocorre a transformação do mundo e da história. É importante diferenciar, porém, que narratividade e narração são termos distintos, uma vez que aquela é, segundo Fiorin (2000), componente de todos os textos, ao passo que esta constitui a classe de discurso em que as transformações são destinadas a personagens individualizadas.

Nesse sentido, a narração não deve ser associada à sucessão de acontecimentos descritos por um narrador que pode apresentar-se de múltiplos ângulos da história, como nas acepções da Literatura, mas como um nível que frisa as transformações sociais advindas da busca enfatizada por um sujeito à procura de seu objeto de valor. Assim, podemos afirmar que:

Parte-se de duas concepções complementares de narratividade: narratividade como transformação de estados, de situações, operada pelo fazer transformador de um sujeito, que age no e sobre o mundo em busca de certos valores investidos objetos; narratividade como sucessão de estabelecimentos e de rupturas de contratos entre um destinador e um destinatário, de que decorrem a comunicação e os conflitos entre sujeitos e a circulação de objetos-valor. Em outros termos, as estruturas narrativas simulam a história da busca de valores, da procura de sentido (BARROS, 2001, p. 27-28).

Significa dizer que cabe ao componente sintático desse patamar situar a busca do sujeito (S) por esse Objeto de Valor (OV). Nessa procura, o S encontra-se apto a ser ajudado por um Adjuvante (Adj) e motivado por um Destinador (Dor), mas também pode ser prejudicado por um Oponente (Op). Esse percurso configura uma narrativa mínima, e “[...] é por assim se organizar que a narrativa amplia seu espaço de atuação para englobar todo o enunciado, onde se confirma a existência de um sujeito.” (LIMA, 2007, p. 28).

Para compreendermos os desdobramentos do nível narrativo, é preciso conhecermos as simbologias empregadas no programa narrativo (PN), definido por Greimas e Courtés (1979, p. 352-353) como um “[...] sintagma elementar da sintaxe narrativa de superfície, constituído de um enunciado de fazer que rege um enunciado de estado”, que envolvem a trajetória do sujeito à procura do seu objeto almejado. Vejamos, então, como os autores evidenciam essa organização:

Figura 4 - Simbologias do programa narrativo

$$PN = F [S_1 \rightarrow (S_2 \cap O_v)]$$

$$PN = F [S_1 \rightarrow (S_2 \cup O_v)]$$

onde: F = função

S₁ = sujeito de fazer

S₂ = sujeito de estado

O = objeto (suscetível de receber um investimento semântico sob a forma de v: valor)

[] = enunciado de fazer

() = enunciado de estado

→ = função fazer (resultante da conversão* da transformação*)

∩∪ = junção (conjunção ou disjunção) que indica o estado final, a consequência do fazer.

Fonte: Greimas e Courtés (1979, p. 353).

O nível narrativo inicia-se com um Dor, ao lado de um Antidestinator (-DOR), que incita o sujeito (S1), ao lado de um Antissujeito (-S) a começar a busca pelo seu OV. O Adj participa do programa como ajudante do S, ao passo que o Op tenta impedir que o S alcance o que ele almeja.

É importante mencionar que, em concordância com Saraiva e Leite (2007, p. 51) “narrativamente falando, o sujeito de estado e o sujeito do fazer são actantes diferentes”, ou seja, podem ser desempenhados por dois ou mais atores. Aqui, consideramos relevante frisar a concepção de actante:

O conceito de actante substitui com vantagem, mormente na semiótica literária, o conceito de personagem [...] visto que cobre não só seres humanos, mas também animais, objetos e conceitos. Além disso, o termo personagem é ambíguo por corresponder, também, em parte, ao conceito de ator (em que se pode realizar um sincretismo de actantes) definido como a figura e/ou lugar vazio onde se investem tanto as formas sintáticas como as formas semânticas. (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 13)

Nesse sentido, um mesmo Actante (A) pode exercer o papel de um ator (a) ou de vários atores (a1, a2, a3), podendo, ainda, vários Actantes (A1, A2, A3) exercerem o papel de um único ator (a). Desta forma, quanto maior for o número de A, mais ideologias serão aplicadas ao texto.

Na semântica narrativa situam-se os valores do sujeito semiótico. Tais valores são indispensáveis para que haja a junção entre o S e o seu Ov. Nesse contexto, situamos as postulações de Fiorin (2000, p. 22), quando afirma que os textos não se

configuram como estruturas mínimas, mas, sim, complexas, envolvendo diversos tipos de enunciados de ser e de fazer. Na construção dessa complexidade estrutural destaca-se um esquema canônico narrativo que envolve quatro fases, a saber: manipulação, competência, performance e sanção.

Na manipulação, que pode ocorrer através da tentação, da sedução, intimidação ou provocação, há a ação de um S sobre outro “para levá-lo a querer e/ou dever fazer alguma coisa” (FIORIN, 2000. p. 22). Ou seja, o S manipulador realizará discursos para que o outro S seja manipulado:

A manifestação da manipulação nos discursos depende da competência do manipulador que pode se instaurar por um saber, um poder, ou alteração modal, realizada na competência do sujeito manipulado. Quando o sujeito manipulador se sustenta numa dimensão pragmática e promete ao manipulado um objeto de valor positivo [...] revela uma *tentação*. Ou quando o manipulador age numa dimensão cognitiva, apresentada, positivamente, como uma espécie de “adulação”, acontece uma *sedução* [...]. Ou ainda, quando aplicado no plano pragmático, fazendo acontecer uma *intimidação* [...] O manipulador ameaça de privar o manipulado de algo agradável para ele. E, finalmente, no nível cognitivo, o manipulador apresenta ao manipulado uma imagem negativa dele: [...] de forma que o manipulado tenta provar o contrário, mostrando-lhe uma imagem positiva. Tem-se o discurso da *provocação*. (LIMA, 2007, p. 31-32, grifo da autora).

É relevante frisar que não se pode confundir o S com pessoa, pois, em um nível mais superficial, pode caracterizar-se como pessoa, animal ou coisa, seguindo os parâmetros da teoria semiótica, como já explicitado nos parágrafos anteriores.

A segunda etapa do caminho percorrido pelo S nesse nível diz respeito à transformação que será aplicada no percurso: é a competência. Lima (2007, p. 32, grifo da autora) explicita que “nesta instância, são definidas quatro modalidades: *dever-fazer* e *querer-fazer*, *poder-fazer* e *saber-fazer*.” Ainda nesta linha de pensamento, a autora postula que:

Greimas & Courtés (1979, p. 283) colocam o *dever-fazer* e o *querer-fazer* como virtualizantes, uma vez que indicam o desejo do sujeito. A partir do *querer* e do *dever* do sujeito, se instaura um sujeito transformador. O *poder-fazer* e o *saber-fazer* são modalidades atualizantes, pois qualificam o sujeito, atribuindo-lhe a capacidade para agir. Para os autores, o sujeito também pode apresentar modalidades negativas (*não-dever*, *não-querer*, *não-saber*), impossibilitando-o de agir. (LIMA, 2007, p. 32-33, grifo da autora).

Ou seja, nessa fase o sujeito é dotado de um *saber e/ou poder-fazer*, uma vez que será capaz de realizar mudanças. Assim, “dizemos, então, que a competência é a fase pressuposta pela *performance*, logicamente anterior a ela e condição para que ela se realize” (SARAIVA; LEITE, 2017, p. 52, grifo dos autores). É importante, ainda, mencionar que:

[...] para */fazer/* algo, o sujeito do fazer deve necessariamente estar apto a fazê-lo, isto é, deve ser competente para tal, deve estar modalizado pelo */saber-fazer/* e pelo */poder-fazer/*. Todavia, isto ainda não garante a *performance*, pois podemos ter um sujeito do fazer que */sabe-fazer/* e */pode-fazer/*, mas */não-faz/* porque */não-quer/*. (SARAIVA; LEITE, 2017, p. 52, grifo dos autores)

Compreende-se, portanto, que a primeira etapa do PN, a manipulação, impulsiona a realização da *performance*, considerada “como programa narrativo do sujeito competente e em ação” (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 329). Aqui, há a passagem do S de um estado para outro, configurando-se como um S transformador.

Para exemplificar, tomemos como exemplo a obra audiovisual SJ, *corpus* desta investigação, cuja análise estará apresentada no quarto capítulo: Wanda traficou Morena, mantendo-a sob o domínio da quadrilha. O S Wanda operou a transformação, e o outro (Morena) entrou em disjunção com a liberdade.

Por fim, após os desdobramentos da *performance*, surgirão recompensas ou castigos na conclusão deste percurso. Trata-se da sanção, da qual Greimas e Courtés (1979, p. 389) escrevem que “[...] enquanto resultado, esta é a contrapartida [...] exigida pela *performance* que o sujeito realizou de acordo com suas obrigações contratuais, pode ser positiva (recompensa) ou negativa (punição)”.

Neste viés, apura-se que o nível narrativo, ao compreender a camada intermediária entre o fundamental e o discursivo, é caracterizado, principalmente, pelos valores do S através do PN, cuja concretude será reconhecida na próxima etapa do Percurso Gerativo do Sentido: o nível discursivo.

2.3.3 Nível discursivo

As estruturas discursivas representam a maior proximidade da manifestação e é a terceira e última etapa do Percurso Gerativo de Sentido. Nesse nível, o texto é

examinado como resultado da enunciação, ou seja, como discurso, uma vez que este produz significação e informação.

Aqui, salientamos a ideia de Greimas e Courtés (1979, p. 126) quando dizem que “os termos discurso e texto têm sido empregados para designar igualmente processos semióticos não-linguísticos”. Assim, filmes, vídeos e desenhos, por exemplo, podem ser associados ao texto e ao discurso, considerando a organização sintagmática que rege essas manifestações. Nesta linha de pensamento, salientamos que o enunciado é “toda grandeza dotada de sentido, pertencente à cadeia falada ou ao texto escrito.” (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 148). Tratando-se de discurso, é válido frisar que:

Quando se constrói um discurso-enunciado é, pressupostamente, estabelecido um contrato fiduciário entre enunciador e enunciatário, o que determina a veracidade ou não do texto. Esse acordo de confiança mútua prescreve, como o enunciatário deve perceber o texto do ponto de vista da verdade e da realidade e como o enunciatário deve compreender o discurso-enunciado, a partir da informação superficial, instaurada pelos significados gerais de elementos que constituem a estrutura, isto é, o conteúdo dito, recuperando o dizer. (LIMA, 2007, p. 34).

Significa dizer, portanto, que é necessário levar em consideração a situação que envolve o contexto da comunicação. Assim sendo, dentre outros elementos significativos, evidenciamos a existência do enunciador, que produz o enunciado, e do enunciatário, a quem se dirige a mensagem, ambos participantes da realização da discursivização.

As formas abstratas do nível narrativo, incluindo conjunção e disjunção com algum objeto, são substituídas, nesse patamar, por elementos concretos, uma vez que “no nível discursivo, as formas abstratas [...] são revestidas de termos que lhe dão concretude” (FIORIN 2000, p. 29). Para compreendermos esse revestimento, situemos a postulação de Fiorin:

Uma fotonovela, por exemplo, tem uma estrutura narrativa fixa: X quer entrar em conjunção com o amor de Y, X não pode fazê-lo (há um obstáculo), X passa a fazê-lo (o obstáculo é removido), o amor realiza-se. Entretanto, seu nível discursivo varia. O obstáculo, por exemplo, ora é a diferença social, ora é a presença de outra mulher, ora é uma doença e assim por diante. (FIORIN, 2000, p. 29).

As relações de tempo e de espaço são situadas na sintaxe do nível discursivo, uma vez que são concretizadas na enunciação e no enunciado. Nesta perspectiva, Fiorin (2000, p. 39) explicita que “a enunciação é o ato de produção do discurso”, ou seja, o esquema narrativo será projetado, agora, pelo sujeito que realiza esse evento comunicativo.

É importante relevar que o S da enunciação é sempre um eu, cuja representatividade se dá devido à realização da produção discursiva. Como todo ato comunicativo envolve um contexto no qual é produzido, deve-se considerar as relações mantidas entre os interlocutores e as circunstâncias de produção, como o espaço e o tempo que envolvem o discurso.

Por isso, a sintaxe do discurso, ao estudar as marcas da enunciação no enunciado, analisa três procedimentos de discursivização: a actorialização, a espacialização e a temporalização, ou seja, a constituição das pessoas, do espaço e do tempo do discurso. (FIORIN, 2000, p. 40).

Em relação às marcas de sujeito, tempo e espaço, Fiorin postula a instância de um “*eu-aqui-agora*”, em que o “[...] “Aqui” é o espaço do “eu”, a partir do qual todos os espaços são ordenados “aí”, “lá” etc.; “agora” é o momento em que o “eu” toma a palavra e, a partir dele, toda a temporalidade linguística é organizada.” (FIORIN, 2004, p. 6). Partindo-se da instância evidenciada pelo autor, o discurso-enunciado projeta os atores do discurso. Nesse processo de realização discursiva persistem dois mecanismos básicos, denominados de *debreagem* e *embreagem*.

Em consonância com Lima (2007, p. 37, grifo da autora) “a *debreagem* consiste em ausentar a enunciação, ou seja, negar um *eu-aqui-agora*, fazendo surgir um *ele-algures-então* no enunciado”. Nesta linha de pensamento, Fiorin (2000) evidencia os três tipos de *debreagens*: pessoas (actancial), espaço (espacial) e tempo (temporal). É significativo frisar que:

A *debreagem* actancial consistirá, então, num primeiro momento, em disjuntar do sujeito da enunciação e em projetar no enunciado um não-eu; a *debreagem* temporal, em postular um não-agora distinto do tempo da enunciação; a *debreagem* espacial, em opor ao lugar da enunciação um não-aqui. (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 95).

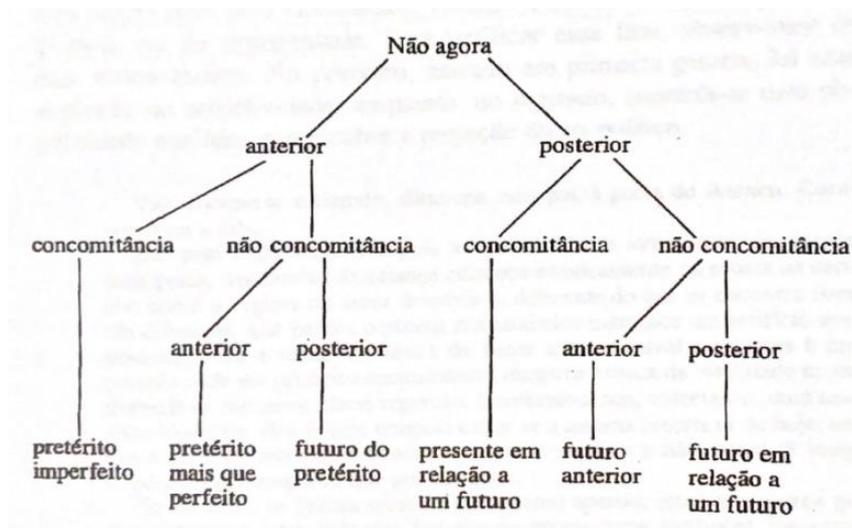
A *debreagem* pode apresentar-se como enunciativa ou enunciva. Esses tipos se distinguem em relação à visibilidade dos A, participantes da situação de

comunicação, estabelecidos pela relação eu/tu do discurso. Quando a relação é centrada num *agora*, há uma enunciação enunciativa, ao passo que “[...] quando o enunciador e o enunciatário estão implícitos no enunciado, não havendo marca pessoal que se refira a eles, tem-se a chamada enunciação enunciva.” (LIMA, 2007, p. 35).

A embreagem é, segundo Greimas e Courtés (1979, p. 140) “o efeito de retorno à enunciação”. Esse retorno é caracterizado pela suspensão das categorias que constituem esses mecanismos. Fiorin (2000, p. 52, grifo do autor) exemplifica que: “[...] quando o pai diz ao filho: ‘*O papai não quer que você faça isso*’, suspende-se a oposição entre *eu* e *ele*, empregando-se a terceira pessoa em lugar da primeira.”.

No que diz respeito à temporalização, os tempos verbais são essenciais para essa marca. A referência para os verbos é sempre o tempo presente, o que projeta uma contraposição entre a concomitância e não concomitância, anterioridade e posterioridade. Vejamos esse esquema representado abaixo:

Figura 5 - Articulações temporais



Fonte: Fiorin (2000, p. 42).

A contraposição é percebida entre um tempo concomitante (o presente), um anterior (pretérito) e um posterior (futuro). Percebemos, nesse esquema, a representação de outros tempos subjacentes aos aspectos temporais evidenciados. Isso se justifica porque, segundo Fiorin (2000, p. 42) “a partir dessas articulações temporais, o narrador pode dispor os acontecimentos no texto: presentes, passados, passados em relação a um passado, etc.”.

No tocante à semântica discursiva, os processos de figurativização e de tematização são fundamentais para a concretização do sentido nesse patamar do Percurso. O tema é o conteúdo geral em que estão situadas as figuras. Aquele representa uma abstração, ao passo que estas são concretudes, ou seja: “[...] dentro do nível discursivo, temos dois modos de manifestação dos conteúdos. O primeiro é o das **figuras**, utilizadas na simulação do mundo natural. O segundo é o dos **temas**, que já se constituem como abstrações, se comparados com as figuras” (SARAIVA; LEITE, 2017, p. 48, grifo dos autores).

Por figura, quando Greimas e Courtés (1979, p. 185) explicitam que “reservando-se este termo somente às figuras do conteúdo que correspondam às figuras do plano de expressão da semiótica natural [...]”, significa que essas figuras caracterizam-se pela representação do mundo natural, uma vez que estamos explicitando o nível discursivo, de caráter concreto.

A concretude subjacente ao nível discursivo projeta um efeito de maior proximidade da realidade por buscar uma ampla significância das coisas, estabelecendo relações com o mundo ao seu redor. Compreende-se, portanto, que “enquanto as estruturas narrativas intentam caracterizar o imaginário humano, as configurações discursivas (motivos e temas) são fios que remetem às áreas e às comunidades sêmio-culturais.” (LIMA, 2007, p. 42).

Considerando as discussões acerca dos princípios da Semiótica do Discurso, buscaremos, agora, aplicar esses embasamentos teóricos ao *corpus* desta investigação: a TN SJ (2012-2013), da autora Glória Perez. Portanto, apresentaremos, no capítulo seguinte, a história central dessa obra audiovisual em estudo.

3 TEORIZANDO O CORPUS: A TELENOVELA SALVE JORGE, DE GLÓRIA PEREZ

Este capítulo atende ao segundo objetivo específico elaborado para esta investigação: debater acerca de informações sobre o tráfico de pessoas na história do país. Para tanto, descrevemos a história central que permeia o âmbito de produção da TN SJ, escrita por Glória Perez e exibida entre outubro de 2012 e maio de 2013, totalizada em 179 capítulos, dos quais selecionamos o *corpus* que também está delimitado neste capítulo. Nesse sentido, buscamos evidenciar as informações disponibilizadas na plataforma *Globoplay* e nos arquivos do site Memória Globo. Logo, não contempla nenhum objetivo específico, mas um elemento da metodologia.

3.1 A HISTÓRIA DE SALVE JORGE, DE GLÓRIA PEREZ

A TN SJ foi ao ar entre 22 de outubro de 2012 e 18 de maio de 2013, produzida e exibida pela Rede Globo de Televisão, escrita por Glória Perez e projetada em 179 capítulos, com direção geral de Marcos Schechtmann e de Fred Mayrink. A trama teve como história central a luta de mulheres traficadas e exploradas sexualmente cujo resumo apresentamos a seguir.

O núcleo principal situa-se no *Complexo do Alemão*, no Rio de Janeiro. Morena, uma das personagens centrais, foi mãe muito cedo e viveu momentos difíceis ao lado do seu filho, Júnior, e de sua mãe, Lucimar. Além de ter sofrido uma grande decepção amorosa e de não ter ajuda financeira do pai do garoto, a jovem encontrava-se desempregada e contava somente com a ajuda materna. O maior sonho de Morena era dar uma vida melhor à sua família. Para tanto, ela precisaria, primeiramente, conseguir um bom emprego para pagar as dívidas e criar Júnior longe da violência do *Complexo do Alemão*. A pobreza e a violência são dois fatores que a impulsionam a desejar melhores condições de vida.

Na TN, os atos violentos que se perpetuaram cada vez mais naquele lugar induziram o exército a realizar uma operação no local, inserindo diversos homens treinados para atenuar a situação. Após uma troca de tiros desenfreada, os policiais conseguiram dominar o Complexo e passaram a circular diariamente pela localidade.

Foi nesse gancho que Théo, o capitão de cavalaria, conheceu Morena, com quem forma o casal protagonista da história.

Lucimar também foi mãe e criou sua filha sozinha. Para ajudar a criar seu neto, ela acumulava serviços de faxina e se esforçava bastante para que nada faltasse em casa. Uma de suas clientes era a delegada Helô, mulher forte que não tinha medo de enfrentar os desafios da profissão. O profissionalismo e a determinação de Helô serviram de impulso para que o tema central da TN fosse apresentado ao público, pois ela assumiu uma investigação focada na prisão e no desmembramento de uma quadrilha que agia traficando mulheres e homossexuais, mantendo-os presos e submetendo-os à prostituição:

O tráfico internacional de pessoas é o principal mote da novela, que traz como heroína a jovem Morena (Nanda Costa), moradora do Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, um dos principais núcleos da trama. Ela recebe uma proposta para trabalhar na Turquia e, ao chegar ao país, percebe que foi traficada, passando a lutar para livrar-se da máfia do tráfico e ver presa a chefe da gangue no Brasil [...] (MEMÓRIA GLOBO, 2022)

A quadrilha era chefiada por Livia Marine, mulher fina e distante das desconfianças criminais. Para não realizar o trabalho pessoalmente, ela contava com Wanda, a aliciadora que propunha trabalhos e prometia mudanças radicais na vida de suas vítimas, que eram traficadas, na trama, para a Turquia:

[...] A vilã é uma mulher perspicaz, sofisticada e estilosa, que se apresenta como agenciadora de talentos artísticos, com contatos preciosos no mundo da moda e do show business. Ninguém sabe detalhes de sua vida, nem mesmo de onde vem sua fortuna. Diz-se divorciada de um italiano, mas é vaga quando alguém procura conhecê-la mais profundamente. A falta de informação é atribuída a uma imagem discreta e reservada. Mas isso é só fachada. (MEMÓRIA GLOBO, 2022)

Estando feliz ao lado de Théo, Morena via sua vida melhorando aos poucos, pois além de ter encontrado um grande amor, ela também recebia uma proposta de emprego irrecusável, que lhe daria a chance de oferecer melhores condições à família. Certa de que iria se dar bem fora do país e de que voltaria assim que possível, ela se despediu da família e do seu namorado e aceitou a proposta de Wanda. Chegando à Turquia, Morena entrou em uma boate, avistou várias mulheres e foi avisada de que sua remuneração seria de acordo com seu desempenho na prostituição. Traficada, ela assumia inúmeras responsabilidades: além de lutar pela sua liberdade a fim de

voltar ao Rio de Janeiro para reencontrar sua família e rever seu grande amor, a jovem também lutou incansavelmente para destruir a quadrilha.

A trama refrata um elo entre ficção e realidade, tendo em vista que a obra SJ evidencia ao público o tráfico de pessoas como *merchandising* social, significando dizer que esse crime foi apresentado em nível nacional para milhões de brasileiros que acompanharam a saga de Morena, cuja história foi baseada em acontecimentos reais.

A exploração sexual das mulheres traficadas na obra SJ foi a principal atividade realizada por elas com o intuito de pagarem a extensa dívida com a quadrilha, uma vez que a máfia cobrava os gastos advindos das passagens, das roupas novas e até das péssimas condições do alojamento, que, na trama, tratava-se da Night Teasers, boate na qual eram forçadas a trabalharem.

Do universo apresentado aqui, selecionamos como *corpus* cinco capítulos, que seguem no Quadro 3:

Quadro 3 - Capítulos *corpus* da pesquisa

Capítulos	Data e duração de exibição original	Resumos
1	Segunda-feira, 22 de outubro de 2012. 1h de duração	Morena foge com Junior. Moradores e comerciantes procuram abrigo. Um bandido entra na casa de Delzuite. Théo toca na alvorada de São Jorge. Wanda orienta um grupo de mulheres a embarcarem para a Espanha. Morena se enfurece com Théo e acaba presa.
2	Terça-feira, 23 de outubro de 2012. 1h de duração	Morena é levada, com Junior, para uma sala do regimento. Lívia escolhe novas moças que serão levadas à Europa. Jessica descobre que foi traficada, se revolta e é agredida por Russo. Théo procura Morena e os dois se beijam.
29	Quarta-feira, 23 de novembro de 2012, 34min de duração	Morena aceita o trabalho no exterior oferecido por Wanda
129	Quarta-feira, 20 de março de 2013. 34min de duração.	Helô confirma sua desconfiança de que Lívia é a chefe da quadrilha; Rosângela alicia um rapaz na praia.
169	Segunda-feira, 06 de maio de 2013. 1h de duração.	Morena tenta explicar o trabalho nas ruas de Istambul para Théo. Morena enfrenta Lívia na rua e Aziz a repreende. Théo procura Morena e os dois se beijam

Fonte: *Globoplay* (2022).

O Quadro 3 apresenta resumos dos capítulos selecionados como *corpus* de leitura. ATN foi revista na plataforma de *streaming Globoplay*, que disponibiliza todos os episódios

com a data e a duração das exposições originais. Da projeção audiovisual estudada, identificamos alguns discursos manipuladores e focamos no núcleo do tráfico de pessoas, que será abordado no tópico seguinte.

3.2 O TRÁFICO DE PESSOAS NA OBRA

Ao abordar o tráfico de pessoas como *merchandising* social da obra SJ, Perez disseminou informações importantes sobre o tema, considerando o desconhecimento de boa parte da população em relação ao crime. Porém, mesmo diante de um dos maiores veículos de comunicação do país, inúmeras pessoas ainda não conhecem ou até mesmo desacreditam na realização desse ato criminal, que é considerado uma das atividades mais rentáveis do mundo. Vejamos a citação retirada do Plano Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas (PNETP):

Segundo dados da Organização Internacional do Trabalho, quase 1 milhão de pessoas são traficadas no mundo anualmente com a finalidade de exploração sexual, sendo que 98% são mulheres. O tráfico chega a movimentar 32 bilhões de dólares por ano, sendo apontado como uma das atividades criminosas mais lucrativas. (BRASIL, 2008, p. 5).

O PNETP afirma que essa prática é “[...] causa e consequência de violações de direitos humanos. É uma ofensa aos direitos humanos porque explora a pessoa humana, degrada sua dignidade, limita sua liberdade de ir e vir” (BRASIL, 2008, p. 5), ou seja, é uma ação contrária ao quarto e ao quinto artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que sugerem:

Artigo 4

Ninguém será mantido em escravidão ou servidão; a escravidão e o tráfico de escravos serão proibidos em todas as suas formas.

Artigo 5

Ninguém será submetido à tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante (ONU, 1948, n.p., grifo nosso).²

² Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 23 fev. 2022.

Considerando a gravidade e os efeitos negativos advindos dessa prática, a Assembleia Geral da ONU instaurou um comitê intergovernamental para elaborar uma convenção contra a criminalidade transnacional. Intensamente discutida durante o ano 1999, a Convenção das Nações Unidas Contra o Crime Organizado Transnacional foi aprovada, segundo a UNODC³, em novembro do ano 2000.

No Brasil, foram realizadas intensas discussões acerca desse problema social. Em 2004, foi promulgado, seguindo os impulsos de outros Estados-Membros, o Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional Relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em Especial Mulheres e Crianças, também chamado de Protocolo de Palermo⁴. Neste pensamento, o tráfico de pessoas é apontado, no 3º artigo desse Protocolo, como:

O recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou o acolhimento de pessoas, recorrendo à ameaça ou uso da força ou a outras formas de coação, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou à situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tenha autoridade sobre outra para fins de exploração. A exploração incluirá, no mínimo, a exploração da prostituição de outrem ou outras formas de exploração sexual, o trabalho ou serviços forçados, escravatura ou práticas similares à escravatura, a servidão ou a remoção de órgãos. (PROTOCOLO DE PALERMO, 2003)

Fincando a necessidade de combater esse crime, o Brasil também elencou princípios e diretrizes no PNETP, seguindo uma Política Nacional, atualizada em três edições (2008-2012; 2013-2017; 2018-2022), cujo Decreto nº 5.948 foi aprovado em 26 de outubro de 2006. O Plano firma que a:

Política Nacional procura ainda dar uma resposta ao problema em três grandes eixos de atuação, considerados estratégicos para um combate efetivo: 1) prevenção ao tráfico; 2) repressão ao crime e responsabilização de seus autores e 3) atenção às vítimas. (BRASIL, 2008, p. 6-7).

Neste fio, é pertinente mencionar o trabalho da autora Glória Perez, conhecida por inserir problemas sociais como temas centrais em suas obras, suscitando reflexões e apresentando ao público um elo entre ficção e realidade. Dentre tantas

³ *United Nations Office on Drugs and Crime.*

⁴ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5017.htm>. Acesso em: 17 fev. 2022.

obras assinadas por ela, a escritora abordou temáticas que, muitas vezes, não eram conhecidas pelos telespectadores. Em SJ, por exemplo, os telespectadores puderam conhecer um pouco dos costumes turcos. Na obra, fez-se necessário dar espaço a outro país para articular o âmbito internacional da máfia.

No tocante às locações para o desenvolvimento e apresentação do tráfico de pessoas na projeção audiovisual em questão, foram apresentadas duas principais localidades: o Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, e a Turquia, da qual se evidencia a Capadócia e Istambul.

Porém, é relevante frisar que a escolha da Turquia como cenário principal da boate onde as garotas traficadas são exploradas não coincide com a realidade, ou seja, foi uma opção da própria autora, levando em consideração que o mito de São Jorge tem seu berço na Capadócia e que “[...] em Salve Jorge, Gloria Perez recorre ao mito do santo guerreiro para contar a história de Morena (Nanda Costa), vítima do tráfico internacional de mulheres”. (MEMÓRIA GLOBO, 2022).

A rede de tráfico de pessoas segue uma organização criminosa altamente capacitada para persuadir as vítimas e submetê-las à exploração. No caso da TN em estudo, o tráfico foi exposto com fim na atividade sexual, seguindo diversas modalidades, incluindo prostituição, leilão e acompanhamentos de luxo. Vejamos o Quadro 4, que apresenta os atores que constituem o núcleo do tráfico na obra:

Quadro 4 - Núcleo do tráfico de pessoas

Foto	Personagem	Ator/Atriz	Categoria
	Morena	Nanda Costa	Vítima
	Jéssica	Carolina Dieckman	Vítima
	Walesca	Laryssa Dias	Vítima

	Livia Marine	Claudia Raia	Chefe da quadrilha
	Wanda	Totia Meirelles	Aliciadora
	Rosângela	Paloma Bernadi	Vítima/ aliciadora
	Irina	Vera Fischer	Contabilidade
	Russo	Adriano Garib	Responsável pela boate

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Temos, no Quadro 4, as personagens que constituem o núcleo do tráfico de pessoas em SJ: Morena, Jessica e Walesca atuam como vítimas da máfia; Livia Marine comanda as atividades ilícitas da quadrilha, sendo a chefe; Wanda é a principal aliciadora, manipulando e enganando as pessoas, oferecendo propostas de emprego no exterior; Russo é o responsável pelo bordel e por manter o bom comportamento das vítimas; Irina trabalha na contabilidade, organizando os gastos e os lucros; Rosângela, primeiramente, atua como vítima, mas alia-se à máfia e passa a aliciar outras pessoas.

É importante mencionar que essas personagens foram expressas no Quadro 4 com o intuito de apresentarmos os componentes da quadrilha. Contudo, analisamos apenas partes dos discursos dos atores nomeados como Wanda, Russo, Livia Marine e Rosângela.

Todas as ações da quadrilha expõem as vítimas ao sofrimento, desde a aliciação, com discursos manipuladores, a violência física e submissões vividas pelas mulheres. Além de sofrerem com a distância familiar, elas permanecem em cárcere privado e têm seus corpos comercializados sem consentimento.

Portanto, intensas discussões já foram suscitadas por diversos órgãos, em escalas nacional e internacional, a fim de pautar possíveis soluções para essa prática e de impor um controle sobre as ações das máfias que realizam o tráfico. Em consonância com Leal e Leal (2012), em seu Relatório acerca da Pesquisa sobre o tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins na exploração sexual no Brasil:

A mobilização da sociedade civil e de suas expressões (ONGs, Fóruns e Movimentos Sociais) contra a exploração sexual comercial (tráfico para fins sexuais, pornografia, turismo sexual e prostituição) de crianças e adolescentes na década de noventa, articulada com as redes em nível local e global de combate ao tráfico de pessoas e ao crime organizado, agendou o debate público nacional e internacional do tráfico de crianças, adolescentes e mulheres para fins sexuais, em eventos de defesa dos direitos humanos, tais como: IV Conferência de Mulheres em Beijing (1995); a Consulta das Américas contra a Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes, realizada em Brasília (1996); a Convenção da ONU contra o Crime Organizado Transnacional em Palermo, em (2000); e no I e II Congresso Mundial contra a Exploração Sexual Comercial de Crianças, realizados, respectivamente, em Estocolmo (1996) e em Yokohama (2001). (LEAL; LEAL, 2002, p. 33).

É relevante frisar que a ONU elenca quatro principais finalidades das máfias que praticam esse crime: submeter as vítimas à exploração sexual; remover e comercializar órgãos das pessoas traficadas; exercer o trabalho escravo em diferentes circunstâncias ou realizar casamentos forçados.

Na projeção audiovisual estudada, o tráfico humano já começou a ser abordado logo nas primeiras cenas do capítulo inicial da TN. A sequência mostrou o leilão da personagem central, expondo uma das humilhações às quais as vítimas são submetidas após serem traficadas. Logo após o evento, um letreiro indica que a história antecedente aquele momento começará a ser desenvolvida.

Além de Morena, as jovens Walesca, Jessica e Rosângela também constituem o núcleo das mulheres traficadas e dividem o alojamento com outras vítimas da quadrilha de Lívia. Ao decorrer da trama, a personagem Rosângela opõe-se às enganadas e alia-se aos traficantes, chegando a aliciar outras meninas, bem como

homossexuais e travestis, ao lado de Wanda. Todas as pessoas traficadas foram manipuladas por falsas promessas:

Rosângela (Paloma Bernardi) é mandada para Paris com a promessa de se tornar modelo internacional. Waleska (Laryssa Dias) foi contratada para ser prostituta de luxo, mas acaba escravizada. Todas precisam se prostituir para pagar estadia, alimentação e roupas. Quem tenta fugir ou pedir ajuda a clientes, pode desaparecer de um dia para outro, sem nenhuma pista. Com passaportes falsos, comprados pelas aliciadoras, e sem nenhum dinheiro, não há como escapar. (MEMÓRIA GLOBO, 2022)

No tocante às ações policiais no combate ao tráfico de pessoas, SJ atribuiu as investigações à delegada Heloísa, que lutou do início ao fim para quebrar o esquema e desmembrar a quadrilha responsável pelo tráfico daquelas mulheres. Na história, a profissional sofreu vários atentados, incluindo um tiro disparado por Russo em uma de suas vindas ao Brasil. A trama policial foi ampliada a nível Federal para se assemelhar ainda mais à realidade e configurar a gravidade desse crime.

É válido frisar que o drama apresentado pela obra se revelou ainda mais significativo ao se tratar de uma história baseada em um acontecimento real. O G1, Portal de Notícias da Globo, conseguiu entrevistar, em 2013, a vítima Ana Lúcia Furtado, traficada em 1993. Ao ser questionada sobre seu sofrimento, ela conta que foi:

Ana Lúcia — Tipo o que tem na novela. Tem o bar, tem a consumação, tem que levar o cliente pra consumir. Depois, ele já te escolheu, vai ter que ir pro quarto com ele. Ele te comprou naquele momento. Aí tem música, tem raiva, tem desespero, tem vários tipos de homens. Eu até brinco que o que a novela mostra é até luxo perto daquilo que a gente viveu. Perto do que a gente passou. Às vezes me perguntam na rua se aquilo da novela é verdade: é verdade, mas eu passei pior do que aquilo. Como uma mulher consegue ir para o quarto 20 vezes por dia pra fazer dinheiro pra eles? Eu nunca consegui. (G1, 2013, s/p).

A autora da trama afirmou, em entrevista à revista Caras (2012)⁵, que sua expectativa em relação à trama era que, além de alertar a sociedade, também resultasse em resgate de pelo menos uma vítima do tráfico humano. Ao Portal UOL⁶, a autora

⁵ Disponível em: <<https://caras.uol.com.br/arquivo/com-salve-jorge-gloria-perez-espera-resgatar-vitimas-reais-do-trafico-de-pessoas.phtml>>. Acesso em: 17 dez. 2021.

⁶ Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2012/10/02/salve-jorge-tem-apoio-da-justica-e-da-policia-federal-para-mostrar-o-trafico-humano-diz-autora.htm#:~:text=%22Salve%20Jorge%22%20tem%20apoio%20da,Not%C3%ADcias%20%2D%20UOL%20TV%20e%20Famosos>>. Acesso em: 21 dez. 2021.

também esclareceu que SJ contou com o apoio da Justiça e da Polícia Federal para exibir livremente o tema central.

O apoio advindo desses órgãos reflete o II PNETP, que, dentre tantas metas e prioridades, elenca, na Linha Operativa 5, destinada às Campanhas e Mobilização para o Enfrentamento do Tráfico de Pessoas, a: “Atividade 5.A – Desenvolver e apoiar campanhas e estratégias comunicativas sobre o tráfico de pessoas, suas modalidades, impactos e outros aspectos. (BRASIL, 2013, p. 30).

Em fevereiro de 2013, o programa Fantástico, exibido aos domingos pela Rede Globo e reconhecido pela credibilidade e responsabilidade nas reportagens de cunho social, noticiou uma operação⁷ conjunta entre as polícias brasileira e espanhola. A operação realizada em Salamanca, na Espanha foi impulsionada graças a uma denúncia feita por uma telespectadora de SJ que recorreu à Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. De acordo com a matéria exibida no programa, a Polícia Federal fincou a repercussão da obra ao encorajar a mãe a discar 180, número disponível para os casos em questão.

Segundo o Fantástico, os policiais conseguiram invadir o local no qual as mulheres estavam presas. De quatro brasileiras traficadas, apenas uma conseguiu voltar ao Brasil; uma delas já havia fugido do prostíbulo; as outras duas foram inseridas no grupo das desaparecidas. A mulher resgatada é a filha da telespectadora da obra em estudo.

Portanto, fincando o tráfico de pessoas como ponte entre ficção e realidade, a construção das personagens traficadas representou um alerta à população acerca dessa prática e tornou-se necessária para que um tema tão polêmico e real fosse exposto em rede nacional, sendo discutido durante meses.

A saga de Morena em busca de sua liberdade, as surras sofridas por Walesca e pelas demais mulheres da boate e o assassinato de Jessica representam pontos relevantes de agressão às vítimas e fazem referência às aflições vividas por pessoas do tráfico humano real, que veem seus sonhos cederem espaço à humilhação, à vergonha e ao medo de não conseguirem voltar aos seus lares.

Dadas essas informações, o próximo capítulo explicitará manipulação nos discursos recortados dos capítulos 1, 2, 29, 129 e 169 da obra em estudo, nos quais identificamos algumas estratégias de manipulação. Com base na história central da

⁷ Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/2384284/> >. Acesso em: 27 dez. 2021.

TN apresentada, propomos, também, um debate aplicável à turma de 3º ano do Ensino Médio, como veremos a seguir.

4 LEITURA SEMIÓTICA DAS ESTRATÉGIAS DE MANIPULAÇÃO EM SALVE JORGE, DE GLÓRIA PEREZ: UMA PROPOSTA DE DEBATE

Este capítulo tem como meta atender ao terceiro objetivo específico elaborado para esta investigação: descrever as manipulações no discurso dos atores da TN SJ, de Glória Perez, como sugestão de debate temático para o 3º ano do Ensino Médio. Para tanto, selecionamos, da trama, os capítulos 1, 2, 29, 129 e 169, e baseamo-nos em Greimas e Courtés (1979), Fiorin (2000), Lima (2007), Lima Arrais (2011) para aplicar a teoria semiótica e nos fundamentos da BNCC (BRASIL, 2018) para realizarmos a proposta do debate.

Considerando a importância da prática oral para o desenvolvimento de outras habilidades, o âmbito escolar deve contribuir para que os estudantes atuem de forma pertinente na sociedade, aplicando sua criticidade e firmando seus argumentos de maneira adequada. Por isso:

[...] é fundamental que sejam garantidas aos estudantes oportunidades de experienciar fazeres cada vez mais próximos das práticas da vida acadêmica, profissional, pública, cultural e pessoal e situações que demandem a articulação de conhecimentos. (BNCC, 2018, p. 486)

Com o amplo crescimento da tecnologia, é possível elencar diversas formas de atuação dos seres sociais, que se encontram cada vez mais conectados às mídias. Essa conexão está imbricada às mudanças apresentadas pela sociedade e finca cada vez mais as múltiplas faces das linguagens. A BNCC (2018, p. 63) faz essa alusão quando considera que nossas “atividades humanas realizam-se nas práticas sociais, mediadas por diferentes linguagens: verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e, contemporaneamente, digital.”. Desta forma:

As pessoas estão cada vez mais conectadas. A cultura, as instituições e a trajetória da sociedade caminham para um universo cada vez mais inter-relacionado. Por exemplo, estabelecem-se redes de comunicação por meio de mídias participativas, nas quais se apresentam notícias, fatos e novos meios de entretenimento em tempo real no mundo todo. Pessoas, agentes públicos e privados aparecem conectados. (CAMARGO E DAROS, 2018, p. 41)

Nesta vertente, com o rápido acesso à informação e pelas diversas maneiras de manifestar as linguagens, muitos aspectos sociais podem ser pautados para a

realização de debate, que consiste na explanação de ideias com o objetivo de ampliar as concepções sobre determinado tema.

Assim, embora este trabalho esteja vinculado a uma obra audiovisual, a intenção é observar o discurso verbal de alguns atores. Trata-se de uma debate cuja temática é centralizada no tráfico de pessoas, proposta destinada à etapa de Ensino Médio, nível ideal para a exploração da habilidade crítica e argumentativa dos/as alunos/as.

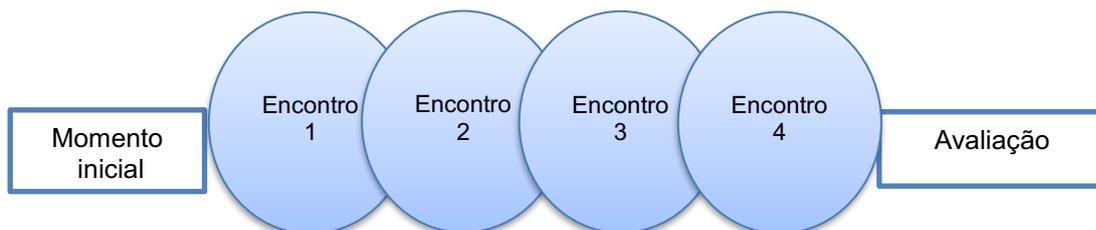
4.1 O DEBATE

Esta parte apresenta uma sugestão de trabalho com leitura em sala de aula da educação básica, precisamente em uma turma do 3º ano do Ensino Médio, configurando-se flexível e adaptável a outras séries/anos. Assim, a orientação inicial é que o professor, ao se reunir com os alunos, planeje, junto com eles, qual o gênero a explorar. Neste caso, já sugerimos a TN.

Neste primeiro encontro, alguns pontos devem ser combinados além do gênero: as categorias a serem exploradas (aqui são as estratégias de manipulação); os momentos para a leitura (aqui para assistir aos capítulos da obra); os encontros para o debate.

Os encontros para a leitura devem ser tantos quantos forem os capítulos e, neste mesmo encontro, já iniciam os debates sobre as categorias a serem exploradas. Para este debate, sugerimos seis encontros de 50 minutos, incluindo os momentos inicial e final, com aulas conjugadas para que haja tempo de assistir/ler e explorar a categoria. Assim, colocando em esquema, podemos ter:

Figura 6 - Esquema de organização do debate



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Sugerimos que o professor, no Momento inicial, leve para a sala uma variedade de gêneros a serem apresentados aos alunos, com o intuito de suscitar as primeiras discussões sobre obras audiovisuais. Ao combinarem qual será o objeto de leitura, fazer uma exposição temática do gênero. Neste caso, informar que a SJ foi ao ar entre 22 de outubro de 2012 e 18 de maio de 2013, produzida e exibida pela Rede Globo de Televisão, escrita por Glória Perez e projetada em 179 capítulos, com direção geral de Marcos Schechtmann e de Fred Mayrink. A trama teve como história central a luta de mulheres traficadas e exploradas sexualmente.

Pode ser o momento de elencar alguns questionamentos, como:

- ✓ Quem conhece esta TN?
- ✓ Quem já ouviu falar do tráfico de pessoas?
- ✓ Como vocês imaginam que agem os traficantes?
- ✓ Qual a principal arma desses traficantes?
- ✓ Com qual objetivo as quadrilhas atuam traficando as pessoas?
- ✓ Quem são as pessoas mais suscetíveis a serem traficadas?

Essas perguntas têm a intenção de suscitar nos alunos a curiosidade para conhecer essa realidade, além de prepará-los para o poder exercido pelo discurso, que usa o conhecimento da realidade para a execução do que deseja quem os enuncia.

É pertinente comunicar aos alunos que os traficantes de pessoas não têm como meta assassiná-las, uma vez que estas lhe servirão de mão de obra para o acúmulo do capital. Assim, a principal arma dos criminosos que realizam essa prática é o discurso, uma vez que manipulam, despertam ambições, mesmo que sob necessidades e fragilidades alheias.

Ao vivenciar o primeiro momento, conduzir os alunos a compreensões que possam responder perguntas como:

Os discursos num *script* de TN se aproximam ou se distanciam da enunciação, ou seja, há um personagem ou um narrador que fala?

Os alunos devem observar, com a mediação do professor, que os discursos selecionados da telenovela são predominantemente falas de personagens e, por assim serem, são enunciados que se aproximam da enunciação por essa mesma razão. Podemos comprovar essa afirmação com a seguinte passagem:

Wanda – *A boa notícia é que eu tenho uma proposta muito melhor pra você do que esse grupo de dança. [...]* (SALVE JORGE, cap. 29).

Nesse fragmento, percebemos a realização de um evento em que o enunciador dá voz ao personagem. Dessa forma, está transcrito em discurso direto, como se constitui comumente um *script* de TN. No fragmento há um *eu* que se explicita, considerando que esta é a instância de um *eu-aqui-agora*, na qual, segundo Fiorin (2000, p. 40), “[...] o sujeito da enunciação é sempre um eu, que opera, ao realizar a produção discursiva, no espaço do aqui e no tempo do agora”.

Neste sentido, o enunciado, definido por Greimas e Courtés (1979, p. 148) como “toda grandeza de sentido, pertencente à cadeia falada ou ao texto escrito”, estabelece uma relação de proximidade com a enunciação por estar expressando a presença do eu.

Seguindo a conversa com os alunos, o/a professor/a pode questionar:

Já que conhecemos como acontece o tráfico de pessoas e o discurso de alguns desses criminosos, em que eles acreditam, ou melhor, no que eles querem que as pessoas acreditem?

Os alunos devem perceber que os discursos selecionados nos Capítulos 1, 2, 29, 129 e 169 parecem querer defender a tese de que aceitar a proposta de trabalhar fora do país é uma forma de encontrar conforto financeiro. Com o intuito de convencer Morena a aceitar viajar para o exterior, Wanda, por exemplo, apela para a difícil situação financeira da moça, frisando um salário mensal que, provavelmente, poderia resolver esses problemas pelos quais ela passava. Para isso, são colocados em cena quatro atores: Wanda, Russo, Livia Marine e Rosângela, além de outros cujos discursos não serão explorados nesta leitura.

Seguindo pelos encontros que possibilitam a exploração da obra nesta proposta, destacar uma das falas de Wanda, no Quadro 5, convidando os alunos a explorá-la no contexto das estratégias de manipulação:

Quadro 5 – Discurso de Wanda

Ator	Discurso	Tipo de manipulação
Wanda	[...] Uma lanchonete de brasileiros, em Istambul, está precisando de uma pessoa exatamente como você, um tipo assim... bem brasileiro [...] É pra ficar três meses em teste, ganhando mil e quinhentos dólares por mês.	Tentação

Fonte: Salve Jorge (cap.29, 2022).

Possibilitar que os alunos percebam que Wanda, sempre vestida como funcionária de boa aparência social, é a principal aliciadora que faz parte da quadrilha especializada em tráfico de pessoas. Esse sujeito tem como objeto de valor convencer Morena para que esta aceite a proposta de um provável emprego em Istambul. Os problemas financeiros da moça manipulada atuam como adjuvante da manipuladora, uma vez que ela se encontra fragilizada e mais apta a aceitar o trabalho. Considerando que manipulação se efetiva sem obstáculos, não identificamos um oponente que prejudique a competência da manipuladora. Wanda começa seu percurso disjunta de seu objeto de valor, passa a conjunta quando consegue capturar a vítima com sua manipulação.

Nesta fala apresentada no Quadro 5, Wanda faz uso da tentação, que ocorre, segundo Fiorin (2000, p. 22), “quando o manipulador propõe ao manipulado uma recompensa [...] com a finalidade de levá-lo a fazer alguma coisa [...]”. No discurso expresso, a aliciadora impele a vítima a aceitar a proposta apontando mil e quinhentos dólares mensais como recompensa, quantia acima do imaginado por Morena.

Neste momento, o/a professor/a pode levantar questionamentos sobre o objeto que provocou a tentação em Morena, no caso a alta quantia financeira. A turma, que já deve ter conhecimento da situação da personagem, pode discutir em torno da seguinte pergunta:

Quais possíveis motivos, no discurso de Wanda, podem levá-la a conseguir alcançar seu objetivo diante de Morena?

Os/as alunos/as podem evidenciar que o sujeito manipulado pode sentir-se atraído pela recompensa ofertada, considerando que os dólares representariam uma provável solução dos problemas relacionados às suas despesas, bem como traria certa estabilidade financeira.

Prosseguindo a exploração de estratégias de manipulação, o/a professor/a pode trazer à tona o discurso de Russo. Uma possível pergunta pode ser:

Quem é Russo nesta trama e sobre quem seu discurso manipulador é lançado? Sabendo disso, quais estratégias de manipulação esse sujeito usa?

Ao lado de Wanda, Russo é responsável pela coordenação do lugar cujas pessoas traficadas são exploradas sexualmente. Ele representa a autoridade masculina presente na boate e age de forma agressiva para conseguir seus objetivos. Trata-se de um sujeito que tem como objeto de valor a obediência de uma vítima. Em sua atividade, ele é ajudado pela arma de fogo que carrega consigo, e tem como oponente a rebeldia de Jessica. Portanto, o ator inicia seu percurso em disjunção com seu objeto de valor, e entra em conjunção com a obediência da vítima ao exhibir a arma, causando, assim, uma intimidação. No Quadro 6, identificamos a seguinte fala do ator:

Quadro 6 – Discurso de Russo

Ator	Discurso	Tipo de manipulação
Russo	(<i>após mostrar a arma e colocá-la sobre a mesa</i>) – [...] Cê vai ligar pra papai e pra mamãe, dizer que tá tudo bem, que você chegou bem, que tá tudo ótimo!	Intimidação

Fonte: Salve Jorge (cap.2, 2022).

Vejam que no discurso verbal, há uma ordem para que a vítima ligue para o pai e para a mãe com o intuito de comunicar que estava tudo bem, quando, na verdade, não estava, e, para que ela, de fato, minta para a família, a intimidação é posta em ação com Russo mostrando a arma, como a dizer que “Se você não mentir para sua família, você morre”, ou, na melhor das hipóteses, sofrerá outro tipo de violência.

Complementando esse discurso verbal, a Figura 7 mostra a violência da ação manipuladora por meio do discurso não verbal. Vejam:

Figura 7 - Russo intimida Jessica



Fonte: Salve Jorge (cap. 02, 43'30").

Na Figura 7, podemos perceber alguns elementos que induziram a jovem traficada a ocupar a posição de manipulada: a arma sobre a mesa representa o adjuvante do manipulador, uma vez que possibilitou Russo a forçar a garota, cuja expressão é de medo e de insegurança, a realizar a ligação para a família. O discurso da intimidação foi mais forte que a rebeldia de Jéssica, o que a faz não conseguir o que deseja.

Sabemos, então, que as ameaças foram formas de manipular Jessica, que agiu em discordância com sua vontade. Uma situação semelhante é apontada por Fiorin (2000, p. 22), quando ele diz que “[...] quando um pai determina que o filho lave o carro, ocorre uma manipulação e o filho passa a ser um sujeito segundo o dever, embora não necessariamente segundo o querer.” Jéssica, portanto, nesse discurso, é sujeito de um dever obedecer a Russo.

Neste momento do debate, o/a professor/a pode levar a turma a refletir sobre as ações dos criminosos da quadrilha especializada em tráfico de pessoas. É sabido que eles não pretendem matar as vítimas, mas diante das circunstâncias iniciais, em que as pessoas traficadas se recusam a obedecer às ordenas postas, a violência torna-se um dos fatores relevantes para que os traficantes consigam a obediência das pessoas enganadas. Assim, é possível elencar, por exemplo, a seguinte questão:

Quais tipos de violência são vividos pelas pessoas que foram vítimas do tráfico humano?

Os/as alunos/as podem refletir sobre os graus de violência física, quando as vítimas são agredidas pelos traficantes, e a violência psicológica, quando são

violentadas pela imposição do medo, da submissão e da humilhação. Além desses posicionamentos, presentes no discurso indicado no Quadro 6, a turma pode ampliar a discussão e mencionar que, na exploração sexual, também pode ocorrer violência.

Ampliando a discussão sobre as estratégias de manipulação no discurso de Russo, o professor pode trazer outro exemplo como o transcrito no Quadro 7:

Quadro 7 – Discurso de Russo

Ator	Discurso	Tipo de manipulação
Russo	Garanto que você ficou assim, tão desarmada diante da Morena, porque ficou lá... pensando em como chegar no Théo e tirar proveito do que o capitão tinha acabado de ver. Diz se não foi! Tô errado, Lívia?	Provocação
	Lívia Marine – Não, não está.	

Fonte: Salve Jorge (cap. 169, 2022).

Observe que Russo tem como objeto de valor uma revelação da chefe da quadrilha da qual faz parte. Esse sujeito tem a autoconfiança, de que consegue o que deseja com seu discurso, como adjuvante; seu oponente é o sigilo que Lívia Marine faz do que não tinha revelado a Russo. No entanto, como ele consegue a revelação, começa seu percurso em disjunção com seu objeto de valor, mas finda em conjunção, uma vez que Lívia Marine cede à manipulação.

Revela-se, portanto, no discurso destacado, uma manipulação caracterizada pelo teor provocativo, pois “[...] se ele impele à ação, exprimindo um juízo negativo a respeito da competência do manipulado, sucede uma provocação” (FIORIN, 2000, p. 22). Ao dirigir-se à mulher com o adjetivo “desarmada”, Russo expressa o valor negativo referente à fragilidade da autoridade maior da máfia.

No discurso de Lívia Marine também é possível encontrar estratégias de manipulação. Dessa forma, é importante que este sujeito seja posto em foco, também. O/A professor/a pode suscitar a exploração do discurso desse sujeito, destacando e conduzindo os/as alunos/as a perceberem como ela manipula, perguntando:

Quem é Lívia Marine? O que ela deseja conseguir? E qual estratégia de manipulação ela usa em seu discurso?

Lívia Marine emerge como um sujeito que tem como objeto de valor que seu discurso seja creditado pelas pessoas que serão traficadas. Para tanto, Lívia Marine tem como adjuvante a situação de vulnerabilidade e ingenuidade das garotas que objetivam conquistar a fama e o sucesso no mundo da moda. O oponente de Lívia é a verdade dos fatos. Vejamos, no Quadro 8, o discurso proferido por Lívia Marine:

Quadro 8 - Discurso de Lívia Marine

Ator	Discurso	Tipo de manipulação
Lívia Marine	Bom, eu sou responsável pela carreira de muitas dessas modelos que vocês admiram nas passarelas, nas capas de revistas do mundo inteiro, e hoje estou aqui para dar uma chance única a vocês. A chance de fazer parte do mundo do sucesso e da fama. As que forem escolhidas hoje serão levadas para uma agência em Paris. É um ótimo início de carreira, não é mesmo?	Tentação

Fonte: Salve Jorge (cap. 02, 2022).

No tocante à manipulação identificada, entendemos que se classifica como uma tentação, em que é “proposto um objeto-valor positivo” (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 270), considerando que Lívia Marine oferece às garotas que se inscreveram na seleção a chance de iniciar uma carreira artística. Como ela consegue manipular o grupo feminino sem que haja alguma dificuldade, concluímos que não há um oponente neste discurso, uma vez que a manipulação tem sucesso. Dessa forma, Lívia Marine entra em conjunção com seu objeto de valor.

Outro questionamento pode ser:

Como se apresenta Lívia Marine para conseguir atingir o que deseja com seu público?

O objeto de tentação é uma carreira artística de sucesso potencializada pela aparência de Lívia: bonita, simpática, elegante e bem vestida. Vejamos, na Figura 8, esses complementos quando ela se apresenta para falar com as pessoas que serão traficadas:

Figura 8 - Lívia manipula mulheres



Fonte: Salve Jorge (cap. 02, 41'19").

A caracterização de Lívia Marine impele as garotas a acreditarem ainda mais no discurso dela, considerando os objetos de valores ofertados pelo ator: a fama e o sucesso no mundo da moda, cuja aparência deve ser vinculada à profissão almejada, como mostra a Figura 8.

Nesta proposta de leitura, destacamos mais um sujeito com seu discurso manipulador. Trata-se de Rosângela que se destaca com um discurso sedutor. Para explorar o discurso desse sujeito, o/a professor/a pode refletir sobre o seguinte questionamento:

Quais as estratégias de manipulação Rosângela utiliza em seu discurso? E o que ela quer conseguir com esta estratégia discursiva?

Rosângela tem como objeto de valor convencer um homem a aceitar a proposta de participar de um grupo de dança. Ela tem como adjuvante o interesse manifestado por parte do sujeito manipulado, uma vez que este demonstra sua vontade em compor o possível grupo artístico. Levando em consideração que o rapaz aceita a proposta, Rosângela inicia seu percurso disjunta com seu objeto de valor e entra em conjunção quando o homem expõe seu interesse, aceitando a possível proposta. Como não tem alguém, algo ou força contrária ao desejo de Rosângela neste discurso, ela não tem oponente. Vejamos como se expressa Rosângela no Quadro 9:

Quadro 9 - Discurso de Rosângela

Ator	Discurso	Tipo de manipulação
Rosângela	Nossa! Você tem talento, hein? [...] Eu acho, poderoso! Você, por acaso, faz show? [...] Adorei o número que você estava fazendo aqui para os seus amigos. Foi ótimo! Eu sou empresária de shows.	Sedução

Fonte: Salve Jorge (cap. 129, 2022).

Trata-se, portanto, de uma manipulação por sedução, pois, neste tipo, segundo Fiorin (2000, p. 22), “o manipulador leva a fazer manifestando um juízo positivo sobre a competência do manipulado [...]”. Esse juízo positivo é explicitado quando a moça elogia a dança do rapaz e manifesta a elevação do talento dele. Ocorre uma espécie de bajulação no discurso do manipulador com o fim de conquistar o que deseja do manipulado.

Neste discurso, há um importante elemento que pode ser discutido com a turma durante a realização da atividade proposta neste trabalho. É claramente perceptível que o ator Rosângela alicia um homem. O/a professor/a pode estimular os/as alunos/as a refletirem sobre a seguinte pergunta:

Os traficantes de pessoas, ao escolherem suas vítimas, seguem um padrão, ou seja, buscam especificamente um tipo de pessoa?

Assim, a turma pode debater sobre os padrões escolhidos pelos traficantes, considerando que não se trata apenas de mulheres, mas todo aquele que lhe der lucro e viva em situação de vulnerabilidade de qualquer natureza, são alvos fáceis para que a quadrilha realize suas ações.

As estratégias de manipulações percebidas e classificadas nesta investigação são recortes de algumas cenas selecionadas. Contudo, há outras falas que impelem a realização de ações através da manipulação, o que indica que esses recursos não se limitam apenas aos fragmentos apresentados, mas que podem ser percebidos outras vezes ao decorrer dos capítulos disponíveis na plataforma *Globoplay*. Como o objetivo aqui é sugerir uma leitura para a percepção das estratégias de manipulação, consideramos que estas já são suficientes para a meta estabelecida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das principais características que nos definem como seres sociais é a capacidade que temos de manifestar nossos discursos por meio da linguagem, cuja realização permite a inserção das pessoas na sociedade, quando estas expressam pensamentos, sentimentos e opiniões acerca de determinado tema.

É nesse contexto comunicativo que incluímos a palavra como principal ferramenta para que alcancemos os objetivos almejados durante o ato de fala, uma vez que nossos discursos são carregados de intenções. Para que essas finalidades sejam alcançadas, utilizamos recursos que nos servem de subsídio para que nossos enunciatários compreendam o nosso posicionamento.

Dos estudos teóricos, compreendemos que a semiótica é a ciência da significação que analisa o discurso por meio do percurso gerativo do sentido, dividido em três níveis: o fundamental, o narrativo e o discursivo, cada qual com uma sintaxe e uma semântica. Esse percurso nos possibilita uma leitura significativa de textos verbais, não verbais e sincréticos.

Além dessa abordagem, a discussão temática sobre o *corpus* nos possibilitou descobrir, embora sob crítica de alguns, que as telenovelas abordam temas importantes e engajados como foi o caso de *Salve Jorge*, trazendo a temática do tráfico de pessoas.

Os discursos analisados foram proferidos pelos sujeitos Wanda, Russo, Lívia Marine e Rosângela. Esses atores constituem, na obra, parte da quadrilha especializada em tráfico humano e executam suas falas com a finalidade de conseguir seus objetos de valor.

No discurso do ator Wanda, vimos que tinha como objeto de valor convencer Morena para que esta aceitasse a proposta do possível emprego em Istambul. Identificamos, portanto, a estratégia de manipulação caracterizada pela tentação, uma vez que a manipuladora oferece uma recompensa positiva à manipulada, no caso a alta quantia em dólares. Dessa forma, Wanda não teve oponente, considerando que os problemas financeiros de Morena agiram como adjuvante, facilitando o objetivo do sujeito manipulador.

Do Russo, elucidamos duas estratégias de manipulação em seu discurso, a saber: a intimidação e a provocação. A intimidação ocorre quando o sujeito exhibe uma arma de fogo, obrigando o manipulado a obedecer a suas ordens; a provocação

acontece no momento em que o ator transmite uma ideia negativa sobre a competência do sujeito manipulado.

Na fala de Livia Marine, identificamos a tentação como ferramenta de persuasão. Esse sujeito teve como objeto de valor que seu discurso fosse creditado pelas pessoas que seriam traficadas. Para tanto, teve como adjuvante a vulnerabilidade e a ingenuidade das mulheres que buscavam fama e sucesso no mundo da moda. Considerando que Livia Marine não enfrentou dificuldade para entrar em conjunção com seu objeto, não identificamos o oponente.

Percebemos na fala proferida por Rosângela que o ela objetivava convencer o homem a aceitar a proposta apresentada a ele. Para atingir sua meta, esse sujeito apresentou um juízo positivo sobre o manipulado, tratando-se, portanto, de uma sedução, cuja caracterização se refere a uma espécie de bajulação. Como não enfrentou dificuldade em seu discurso, uma vez que seu adjuvante foi o interesse manifestado pelo manipulado, Rosângela entrou em conjunta com seu objeto de valor sem que houvesse um oponente.

Nesse sentido, os textos proferidos por esses sujeitos manifestam as estratégias de manipulação caracterizadas pelos estudiosos da semiótica discursiva. Identificamos os quatro tipos: a sedução, a tentação, a provocação e a intimidação. Contudo, frisamos que essas estratégias não se limitam somente às cenas destacadas, mas que podem ser percebidas em outros capítulos ao decorrer da trama. Apresentamos, no trabalho, apenas os recortes das sequências dos capítulos assistidos.

Considerando que a escola é um ambiente que, dentre suas principais funções, busca desenvolver cidadãos com opiniões críticas sobre os temas que circulam na sociedade, apontamos a obra audiovisual estudada nesta pesquisa como subsídio para a realização de um debate.

A atividade sugerida é direcionada a uma turma de 3º ano do Ensino Médio da educação básica, mas pode ser considerada aplicável em outros níveis/séries, realizamos as adaptações necessárias, que podem ser elencadas pelos profissionais que demonstrarem interesse.

Portanto, ao propormos a execução de um debate temático vinculado à projeção audiovisual que apresentou o tráfico de pessoas, que é um problema que assola não somente o Brasil, mas outros países do mundo, como tema central, asseguramos a consistência da linguagem sincrética com a qual tal obra foi projetada,

levando os telespectadores a suscitarem reflexões no âmbito social, visto que essa atividade oral permite que os/as estudantes desenvolvam habilidades como autonomia e criticidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Heloísa Buarque de. **Telenovela, consumo e gênero**: “muitas coisas mais”. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo: Ática, 2005.
- BARROS, Aldil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia científica**: um guia para a iniciação científica. 2. ed. ampl. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2000b.
- BRASIL, MEC. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a base: versão final. Brasília, 2018. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_s_ite.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2022.
- BRASIL. Ministério da Justiça. **Plano nacional de enfrentamento ao tráfico de pessoas**. Secretaria Nacional de Justiça – Brasília: SNJ, 2008.
- BRASIL. Ministério da Justiça. **II Plano nacional de enfrentamento ao tráfico de pessoas**. Secretaria Nacional de Justiça – Brasília: SNJ, 2013.
- BRASIL. Ministério da Justiça. **III Plano nacional de enfrentamento ao tráfico de pessoas**. Secretaria Nacional de Justiça – Brasília: SNJ, 2018.
- CALZA, Roze. **O que é telenovela**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1996.
- CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie. **A sala de aula inovadora** [recurso eletrônico]: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo. Porto Alegre: Penso, 2018.
- DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.
- EL-JAICK, Ana Paula. O discurso é um grande soberano: o poder da linguagem e um elogio aos sofistas. **Revista Ética e Filosofia Política**. n. XIX, v. II, dezembro de 2016.
- FIORIN, José Luiz. A noção de texto na semiótica. Organon: **Revista do Instituto de Letras da UFRGS**. v. 9, n. 23, p. 165-176. Rio Grande do Sul, 1995.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos da análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2000.
- GREGOLIN, Maria do Rosario Valencise. **A análise do discurso**: conceito e aplicações. Alfa, São Paulo, 39: 13-21, 1995.
- GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica estrutural**. Tradução de Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix: Edusp. 1966.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. Tradução: Alceu Dias Lima *et al.* São Paulo: Contexto, 2018.

HJMESLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Trad. de J. Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LEAL, Maria Lúcia Pinto. **Pesquisa sobre tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins de exploração sexual comercial no Brasil: relatório nacional**. Brasília: Pestrat/Cecria, 2002

LIMA, Maria Nazareth de. **O conto na literatura popular: percurso gerativo da significação**. 2007. 200f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB. 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/actas/article/view/14831/8390>>. Acesso em: 27 nov. 2021

LIMAARRAIS, Maria Nazareth de. **O fazer semiótico do conto popular nordestino: intersubjetividade e inconsciente coletivo**. 2011. 417f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB. 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6175>>. Acesso em: 27 nov. 2021

MOTTER, Maria Lourdes. **Ficção e Realidade: A Construção do Cotidiano na Telenovela**. São Paulo: Alexa Cultural, Comunicação & Cultura – Ficção Televisiva, 2003.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013

SARAIVA, José Américo Bezerra; LEITE, Ricardo Lopes. **Exercícios de semiótica discursiva**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.